



PDE
Programa de
Desenvolvimento
da Educação

SOLETRANDO NA ESCOLA

K

A

O

Soletrando

na escola

J

m

R



Instituto BRASIL SOLIDÁRIO
educação - leitura - educomunicação - cultura - meio ambiente - saúde

juntos construímos!

Esta apostila é de propriedade do Instituto Brasil Solidário – IBS e encontra-se protegida por direitos autorais.

Sua reprodução com objetivo de multiplicação dos trabalhos é permitida, porém sempre preservando os direitos autorais e nunca para fins comerciais.

Sempre que houver citação ou reprodução de parte ou totalidade de seu conteúdo para distribuição para outras pessoas, deverão ser citados o autor ou outros direitos de propriedade intelectual presentes no texto e imagens.

Só é permitido utilizar o conteúdo do material para uso com fins educacionais. Nenhuma parte desta apostila pode ser reproduzida para venda ou distribuída para ganhos comerciais nem poderá ser modificada ou incorporada em qualquer outro trabalho, publicação ou site tanto no formato eletrônico, como transferência para qualquer outro site.

Nenhuma outra licença ou direitos relacionados com esta apostila são concedidos sem a autorização expressa do Instituto Brasil Solidário - IBS.





Inspirado no programa de TV de grande sucesso, a ideia do Soletrando surgiu como mais uma das ferramentas de educação complementar, dentre as propostas do Instituto Brasil Solidário. Além de estimular os alunos a exercer o espírito investigativo, o Soletrando mostra-se, a cada edição desenvolvida, como uma poderosa ferramenta de autoavaliação de educadores e alunos.

O uso de equipamentos que o viabilizam, como computador e datashow, traz uma importante referência à escola e aos educandos sobre como trabalhar conceitos de educação e de tecnologia no âmbito escolar.

Ortografia: O que é? Para que serve? Por que ensiná-la?

Por Artur Gomes de Morais¹

Vários mestres vivem atualmente um estado de "confusão" quando o tema é ortografia. Têm dúvidas como: "É importante ensinar ortografia?", "Devo corrigir os textos espontâneos de meus alunos?", "Devo considerar os erros na hora de avaliar os alunos?", "Como ensinar, sem recorrer aos exercícios tradicionais?".

Ao longo deste livro¹, vou discutir essas questões, buscando explicar como encaro, hoje, dentro do conjunto da didática de língua portuguesa, o trabalho com ortografia na escola. No presente capítulo, proponho ao leitor que discutamos mais detidamente as perguntas anunciadas em seu título: O que é ortografia (e em que ela difere da escrita alfabética)? Para que serve escrever ortograficamente? Por que a escola deve promover um ensino sistemático que leve o aluno a refletir sobre a escrita correta das palavras?

Antes de começar, quero esclarecer que minha proposta não é uma "volta ao ensino tradicional". Penso que as atuais dúvidas sobre como tratar a ortografia são o reflexo dos avanços que temos vivido, na área de língua portuguesa, e que nos têm levado a priorizar, no trabalho escolar, a formação de alunos que possam ler e produzir textos significativos. Vivemos um momento histórico de renovação: pouco a pouco, vamos conseguindo que a língua ensinada na escola tenha propósitos e características semelhantes aos que adotamos, quando lemos e escrevemos fora do ambiente escolar. Assim, sem abrir mão da leitura e produção de textos, como eixos orientadores do trabalho com a língua, penso que é preciso ensinar ortografia. E fazê-lo de uma maneira sistemática. Por quê?



Vemos, frequentemente, que a escola cobra do aluno que ele escreva certo, mas cria poucas oportunidades para refletir com ele sobre as dificuldades ortográficas de nossa língua. Creio que é preciso superar esse duplo desvio: em vez de se preocupar mais em avaliar, em verificar o conhecimento ortográfico dos alunos, a escola precisa investir mais em ensinar, de fato, a ortografia.

No dia a dia, os erros de ortografia funcionam como uma fonte de censura e de discriminação, tanto na escola como fora dela. No interior da escola, a questão torna-se extremamente grave, porque a competência textual do aluno é confundida com seu rendimento ortográfico: deixando-se impressionar pelos erros que o aprendiz comete, muitos professores ignoram os avanços que ele apresenta em sua capacidade de compor textos.

Essa lamentável distorção tem suas consequências. Todos conhecemos pessoas que, mesmo depois de muitos anos de escolaridade, sentem-se constrangidas quando têm de escrever, quando precisam redigir seus próprios textos, porque têm "medo de errar". Para evitar a propagação desse tipo de autocensura, nós, mestres, precisamos rever nossa atitude para com o erro ortográfico e nossa postura mais geral, na hora de ensinar e avaliar ortografia. Para isso, precisamos entender que a ortografia é uma convenção social, cuja finalidade é ajudar a comunicação escrita.

¹MORAIS, Artur Gomes. Ortografia: ensinar e aprender. São Paulo; Ática, 1998. P.17-25.

O Projeto Soletrando pretende abordar as normas e convenções relacionadas ao ensino da escrita – de maneira lúdica e, por meio de uma gincana, em que as crianças deverão soletrar, corretamente, palavras com regularidade e irregularidades ortográficas, trabalhadas em sala de aula. Serão vencedores aqueles que conseguirem acertar o maior número de palavras.

É importante ressaltar que o desenvolvimento de um projeto como esse só terá sentido, se as atividades realizadas garantirem aprendizagens significativas para o maior número possível de crianças. Por isso, mais do que premiar bons resultados, o objetivo central do trabalho é fazer com que todos os alunos avancem em relação aos seus conhecimentos sobre ortografia.



Objetivos:

- Refletir sobre princípios e normas ortográficas;
- Construir um repertório de regularidade e irregularidades ortográficas.

Conteúdo:

- Ortografia (regularidades e irregularidades).

Público:

O Projeto Soletrando pode ser realizado com todos os segmentos escolares. O que diferencia a proposta, em cada segmento, é o grau de dificuldade das questões ortográficas trabalhadas.



Como funciona?

O Projeto é voltado aos alunos do 3º ao 9º ano do Ensino Fundamental, sendo composto por três fases: estudo das regularidades e/ou irregularidades ortográficas, eliminatórias e competição final.

1ª Fase - Estudos das regularidades e/ou irregularidades ortográficas

De acordo com a Revista Nova Escola¹, “o ensino da ortografia tem sido marcado por dois extremos, ambos inadequados. De um lado, estão os professores que consideram que as regularidades e irregularidades devem simplesmente ser decoradas e, portanto, treinam seus alunos por meio de exercícios mecânicos de memorização de regras e de cópias dos termos. No outro polo, estão os profissionais que adotam a mera exposição dos alunos a textos diversos. Eles acreditam que o contato a longo prazo se incumbem de mostrar a grafia-padrão.

As pesquisas mais recentes indicam, no entanto, que grande parte da ortografia, mesmo sendo regida por regras, pode ser compreendida por meio de exercícios de reflexão – o que é muito diferente de apenas copiar e repetir”. Por isso, para realizar o Projeto Soletrando, é preciso abrir espaço para que as crianças possam pensar e aprender a grafia correta das palavras que serão abordadas durante a competição.

A seguir, apresentaremos algumas sugestões de sequências didáticas² que poderão ser desenvolvidas com os alunos, na primeira fase desse Projeto.

Para os alunos do 3º ao 5º ano, propomos o estudo do “M antes de P e B”, das terminações “AM/ÃO” e das palavras escritas com “G/J”.

Para o estudo dos alunos do 6º ao 9º ano, sugerimos o trabalho com os “Sons do S”, os “Sons do Z” e dos “substantivos terminados em ICE”.



1. <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/como-ensinar-ortografia-594436.shtml?page=2>

2. Propostas baseadas nas sequências elaboradas pela consultora Denise Guilherme, juntamente com a formadora Érica de Faria Dutra, para o Centro de Formação de Professores de São Caetano do Sul (SP), de 2009 e 2011.

POR QUE USAMOS

M ANTES DE **P** E **B** ?!

Sequências para o trabalho com as turmas de 3º ao 5º ano

M antes de P e B

Esta sequência trata de uma regularidade contextual, definida por Artur Gomes de Moraes, em seu livro *Ortografia: ensinar e aprender*, Ed. Ática, como um tipo de relação em que “o contexto (dentro da palavra) que vai definir qual letra (ou dígrafo) deverá ser usada” (pág. 30). Para o aluno compreender essas diferentes regras contextuais, precisará ficar atento a vários aspectos das palavras. Nesta sequência, ele deverá observar a sequência das letras, pois a regra é clara: usa-se o M no final de uma sílaba, quando esse preceder as letras P ou B. Nos demais casos, usamos a letra N. Essa será a reflexão a ser desenvolvida com os alunos do 3º ano, no final do 3º trimestre.

Etapa 1: Observação e problematização de regularidades.

Tempo estimado: 1 aula.

Aula 1:

Converse com os alunos que o estudo desta sequência será o uso da letra M e N, no meio das palavras. Você pode pedir que falem palavras que apresentem essas letras e perguntar como se escreve, se é com M ou N; esse momento é importante para situar os alunos nas atividades que farão.

Vale ressaltar que o professor, nessa aula, está tornando observável aos alunos, que existe essa diferença e não dará nenhuma pista sobre a grafia correta. Assim, quando responderem como acham que se escreve determinada palavra, precisarão justificar a escolha, levantando as primeiras hipóteses.

Depois da apresentação do estudo, faça um ditado com palavras que apresentem M ou N posicionadas no meio. É interessante fazer essa atividade individualmente, para que depois os alunos confrontem suas hipóteses com as de algum colega. Após terminarem o ditado, recolha a folha e não corrija as palavras, pois serão alvo de discussão nas próximas aulas, retomadas na etapa 5, quando registrarem as descobertas.

Sugestão de palavras:

**tempurá - mandioca - polenta - rocambole
empada - angu - bombocado - pimenta
empanado - quentão - tempero - canjica**

SOLETRANDO

O projeto Soletrando visa conscientizar a criança da importância da escrita correta, como meio para ampliar seu conhecimento, facilitar sua comunicação e formar a base para o próprio processo de aprendizagem, através de uma competição saudável.

Etapa 2: Pesquisa/coleção de palavras que apresentem a mesma regularidade.

Etapa 3: Construção e elaboração de regras (levantamento de hipóteses).

Tempo estimado: 3 aulas.

Aula 2:

O esperado para essa aula é que os alunos possam refletir sobre a grafia correta das palavras feitas no ditado. Separe a classe em duplas, peça para cada uma comparar as escritas feitas e discutir, quando houver jeitos diferentes de escrever. É necessário que tentem chegar a um acordo em como escrever corretamente a palavra, justificando suas escolhas.

A tarefa para o aluno é:

Em duplas, compare a escrita das palavras e, em caso de grafias diferentes, discuta com seu colega qual é a maneira correta e justifique.

Aula 3:

Agora é momento de socializar a discussão feita na aula anterior. Conforme os alunos forem relatando a maneira como escreveram cada palavra e justificando suas escolhas, você deve ir registrando na lousa as hipóteses das crianças. Após essa reflexão, faça um cartaz com as ideias que surgiram para expor na sala de aula.

Aula 4:

Esta aula tem como objetivo levantar ainda mais as hipóteses dos alunos. Para isso, leia a fábula “O leão e o ratinho” e entregue aos alunos a tabela de palavras a seguir, dizendo que elas fazem parte da história. Peça então às crianças para discutirem as questões elaboradas.

Texto para ser lido aos alunos:

O leão e o ratinho

Um leão, cansado de tanto caça, dormia espichado debaixo da sombra boa de uma árvore. Vieram uns ratinhos passear em cima dele e ele acordou. Todos conseguiram fugir, menos um, que o leão prendeu debaixo da pata. Tanto o ratinho pediu e implorou que o leão desistiu de esmagá-lo e deixou que fosse embora. Algum tempo depois o leão ficou preso na rede de uns caçadores. Não conseguindo fugir, fazia a floresta inteira tremer com seus urros de raiva. Nisso apareceu o ratinho, e com seus dentes afiados roeu as cordas e soltou o leão.

Fonte: Fábulas de Esopo. Cia. das Letrinhas.

Moral: Uma boa ação ganha outra.

**Atividade para o aluno:
observe as palavras abaixo.**

CANSADO	SOMBRA
CONSEGUIRAM	IMPLOROU
PRENDEU	EMBORA
TANTO	TEMPO
DENTES	
INTEIRA	

- 1- O que vocês perceberam nessa tabela de palavras?
- 2- Como as palavras foram separadas? Por que usaram essa divisão?
- 3- Que dicas você daria para o uso do M e do N nas palavras?
- 4- De um lado da tabela, há dois espaços em branco. Complete com palavras que achar pertinentes para o grupo.

Depois que cada dupla responder às questões acima, socialize as respostas, lembrando-se sempre que devemos tomar o cuidado para não dar nenhuma pista sobre a regra, pois as crianças estão, ainda, levantando as hipóteses para depois confrontá-las. Se for necessário, acrescente ou modifique as hipóteses colocadas no cartaz.

Etapa 4: Pesquisa de contraexemplos (verificação das hipóteses levantadas).

Tempo estimado: 1 aula.

Aula 5:

Para confrontar o que haviam pensado até o momento, pedir aos alunos para trazerem de casa, recortes de duas palavras que apresentem as letras M e N, no final de sílabas (no meio da palavra). Com esse material, monte um cartaz com os alunos, comparando-o com as hipóteses levantadas para verificação. Este momento é de discussão e reflexão: algumas hipóteses podem ser confirmadas e outras descartadas. Caso você perceba que ainda tem muitos alunos em dúvida, confronte as ideias levantadas por eles com novas palavras ou com outras atividades.



Etapa 5: Formulação de justificativas (registro das descobertas).

Tempo estimado: 2 aulas.

Aula 6:

Esta aula é destinada ao registro da regra. O professor pode ser o escriba, encaminhando a atividade coletivamente. Vale lembrar a importância dessa escrita ter uma linguagem simples, com as palavras dos próprios alunos. Coloque a regra no mural e peça aos alunos para copiarem no caderno.

Aula 7:

Com a regra feita, retome a aula 2 para correção da lista do ditado, constatando ou não, a regularidade proposta. Este momento é bastante interessante, pois será a primeira vez que os alunos precisarão pensar sobre a escrita correta das palavras que fazem parte desta regularidade. Se alguma criança apresentar dificuldade, ajude-a a retomar o que discutiram na aula anterior. Haverá ainda mais aulas para sistematizar esse conteúdo.

Etapa 6: Sistematização (uso da regra em diferentes contextos).

Tempo estimado: 2 aulas.

Aula 8:

A seguir, você encontrará um texto que trata de um menino que troca tudo, inclusive no jeito de escrever. Encontre no texto 8 palavras escritas incorretamente.

Troca-bolas era um menino que trocava tudo: o que falava, o que comia, o que fazia, e até as histórias que contava. Ele foi contar uma história para sua irmãzinha e saiu com esta:



“Era uma vez uma menina muito bonita, com a pele branca como a neve, que vivia num castelo de uma madrasta muito má.

Um dia, ela colocou um chapéuzinho vermelho e foi levar doces para vovozinha. Aí ela subiu uma escada e perdeu o sapatinho de cristal. Por isso, a bruxa premdeu a coitadinha numa torre e os cabelos dela ficaram conpridos e o príncipe subiu neles para salva-la...

É claro que a irmã do Troça Bolas não emtemdia nada. Mas como ainda era muito pequena, ria a valer. E assim Troca Bolas ia vivemdo. Misturava tudo e o pessoal tinha de fazer um esforço tremendo para desmisturar as histórias dele.”

Fonte: “Trocando as bolas”, de Pedro Bandeira.

Aula 9 – Jogo de trilha:

A ideia é montar um jogo de trilha. Essa atividade pode ser feita com os alunos, ou o professor pode montar o tabuleiro previamente, e trazê-lo pronto para a sala. Não é necessário nenhum material sofisticado, uma folha de sulfite é suficiente.

O objetivo do jogo é chegar primeiro, ao final do percurso, soletrando corretamente as palavras. A criança que errar ficará uma vez sem jogar. Você ainda precisará de pinos, que poderão ser

substituídos por borracha ou por outros materiais escolares, e de dado. Se quiser, poderá colocar desafios, ao longo da trilha, pedindo para justificar o uso das letra M ou N, por exemplo.

Sugestão de palavras para colocar na trilha: embarcou, calendário, aventura, bomba, monstro, manta, combinar, montanha, completo, onda, brincar, cambalhota, pomba, inglês etc. Vale ressaltar que essas palavras precisam ter um espaço em branco, no lugar da letra M ou N (e__barcou), para os alunos completarem.

mo__tanha

ca__balhota

co__pletar

po__ba

co__binar

cale__dário

A DIFERENÇA ENTRE AS TERMINAÇÕES

“AM” E “ÃO”

↓
PASSADO

↓
FUTURO

Os meninos não comeram muito ontem,
mas comerão amanhã.

ÃO / AM

A regularidade que trataremos nesta sequência, classifica-se, segundo Artur Gomes de Morais, no livro “Ortografia: ensinar e aprender”, como “regularidades morfológico-gramaticais presentes nas flexões verbais”. A regra é clara: “cantarão, beberão, partirão e todas as formas da terceira pessoa do plural, no futuro, escrevem-se com ão, enquanto todas as outras formas da terceira pessoa do plural, de todos os tempos verbais, escrevem-se com m no final (por exemplo, 'cantam', 'cantavam', 'bebam', 'beberam)”. Trataremos também a terminação ão, em palavras que não são verbos (principalmente os substantivos), justamente para favorecer uma reflexão mais aguçada da regra.

Etapa 1: Observação e problematização de regularidades.

Tempo estimado: 1 aula.

Aula 1:

Converse com os alunos que vocês estudarão, nesta próxima sequência, o uso do ão e am, no final de algumas palavras. Diga a eles que existe uma regra que os auxiliará, quando precisarem escrever palavras com essa terminação. Para isso, proponha a atividade seguinte. Nela, os alunos escreverão individualmente as palavras que você ditará, de acordo com a hipótese de cada um. Antes de ditar, faça uma leitura do texto, na íntegra, para os alunos desfrutarem da história.



Quando se usa “AM” E “ÃO”

Há diferença?

A terminação “ÃO” deve ser usada em palavras oxítonas, ou seja, em palavras cuja sílaba tônica seja a última:

amarão, terão, caldeirão.

A terminação “AM” deve ser usada em palavras paroxítonas, ou seja, em palavras cuja sílaba tônica seja a penúltima:

amaram, trouxeram, fizeram.

Atividade para o aluno:

1- Depois da leitura em voz alta feita por seu professor, você escutará novamente a história e sua tarefa será anotar as palavras que estão faltando no texto abaixo.

O velho e seu neto

Era uma vez um velho muito velho, quase cego e surdo, com os joelhos tremendo. Quando se sentava à mesa para comer, mal conseguia segurar a colher. Derramava sopa na toalha e, quando, afinal, acertava a boca, deixava sempre cair um bocadinho pelos cantos.

O filho e a nora dele _____ que era uma porcaria e _____ com nojo. Finalmente, _____ fazendo o velho se sentar no canto, atrás do fogão. _____ comida para ele numa tigela de barro e – o que era pior – nem lhe _____ bastante.

O velho olhava para a mesa com os olhos compridos, muitas vezes, cheios de lágrimas.

Um dia, suas mãos _____ tanto que ele deixou a tigela cair no chão e ela se quebrou. A mulher ralhou com ele, que não disse nada, só suspirou.

Depois ela comprou uma gamela de madeira bem baratinha e era aí que ele tinha que comer.

Um dia, quando _____ todos sentados na cozinha, o neto do velho, que era um menino de quatro anos, estava brincando com uns pedaços de pau.

— O que é que está fazendo? – perguntou o pai.

O menino respondeu:

— Estou fazendo um cocho, para papai e mamãe poderem comer quando eu crescer.

O marido e a mulher se _____ durante algum tempo e _____ no choro.

Depois disso, _____ o avô de volta para a mesa. Desde então _____ a comer todos juntos e, mesmo quando o velho derramava alguma coisa, ninguém dizia nada.

Fonte: O livro das virtudes, William J. Bennett. Ed. Nova Fronteira.

Para o professor: Os verbos a serem ditados, já na ordem correta, são:

achavam, ficavam, acabaram, levavam, davam, tremeram, estavam, olharam, caíram, trouxeram e passaram.

2- Depois de completar o texto, compare com um colega a grafia das palavras que vocês escreveram, prestando atenção ao final de cada uma delas.

O que aconteceu? Todas as palavras foram escritas com as mesmas letras no final?

Etapa 2: Construção e elaboração de regras (levantamento de hipóteses).

Tempo estimado: 5 aulas.

Aula 2:

Nesta aula, pretende-se iniciar uma discussão a respeito da leitura e de que pode existir uma mesma palavra que termine com AM e com ÃO. O objetivo é levar os alunos a perceberem que o som muda, quando usamos cada uma das terminações e que, além disso, os dois jeitos estão corretos, salvo em alguns verbos. Para isso, faça a atividade abaixo:

Atividade para o aluno:

O quadro abaixo mostra as palavras com as quais vocês completaram o texto “O velho e seu neto”. Veja como foram escritas as palavras do texto por algumas crianças:

achavam	achavão
ficaram	ficarão
acabaram	acabarão
levavam	levarão
davam	darão
tremeram	tremerão

estavam	estavão
olharam	olharão
caíram	cairão
trouxeram	trouxerão
passaram	passarão

Converse com sua dupla e discuta: todas essas grafias estão corretas? Por quê?

A forma como se lê cada uma das palavras muda, a depender de como terminam?

Aula 3:

Depois da discussão feita na aula anterior, em duplas, agora é o momento de socializá-la e registrar, ainda de maneira provisória, as hipóteses das crianças. Peça aos alunos para ouvirem atentamente as respostas das outras duplas e anote na lousa, toda a reflexão feita. Essa lista de regras provisórias pode ser anotada no caderno e exposta no mural.

Aula 4:

A atividade desta aula será para os alunos refletirem um pouco mais o que já discutiram nas anteriores. Temos como objetivo, que percebam que determinadas palavras (verbos) podem ter a terminação ão ou AM. Além disso, podemos retomar a questão da leitura dessas palavras. Entregue aos alunos o texto a seguir e peça para grifarem todas as palavras que terminam com AM ou ão. Antes, leia uma vez o texto todo.

Atividade para o aluno:

1- Leia o texto abaixo e grife todas as palavras que encontrar, terminadas com AM ou ão.

O sapo e a cobra

Era uma vez um sapinho que encontrou um bicho comprido, fino, brilhante e colorido deitado no caminho.

— Alô! Que é que você está fazendo estirada na estrada?

— Estou me esquentando aqui no sol. Sou uma cobrinha, e você?

— Um sapo. Vamos brincar?

E eles brincaram a manhã toda no mato.

— Vou ensinar você a pular.

E eles pularam a tarde toda pela estrada.

— Vou ensinar você a subir na árvore se enroscando e deslizando pelo tronco.

E eles subiram.

Ficaram com fome e foram embora, cada um para sua casa, prometendo se encontrar no dia seguinte.

— Obrigada por me ensinar a pular.

— Obrigado por me ensinar a subir na árvore.

Em casa, o sapinho mostrou à mãe que sabia rastejar.

— Quem ensinou isso a você?

— A cobra, minha amiga.

— Você não sabe que a família Cobra não é gente boa? Eles têm veneno. Você está proibido de brincar com cobras. E também de rastejar por aí. Não fica bem.

Em casa, a cobrinha mostrou à mãe que sabia pular.

— Quem ensinou isso a você?

— O sapo, meu amigo.

— Que besteira! Você não sabe que a gente nunca se deu com a família Sapo? Da próxima vez, agarre o sapo e... bom apetite! E pare de pular. Nós cobras não fazemos isso.

continua

No dia seguinte, cada um ficou na sua.

—Acho que eu não posso rastejar com você hoje.

A cobrinha olhou, lembrou do conselho da mãe e pensou: “Se ele chegar perto, eu pulo e devoro ele.”

Mas lembrou-se da alegria da véspera e dos pulos que aprendeu com o sapinho. Suspirou e deslizou para o mato.

Daquele dia em diante, o sapinho e a cobrinha não brincaram mais juntos. Mas ficavam sempre no sol, pensando no único dia em que foram amigos.

Fonte: O livro das virtudes, William J. Bennett. Ed. Nova Fronteira.

2- Observe a lista abaixo. Nela você encontrará algumas palavras que foram grifadas no texto. Discuta com sua dupla, se seria possível escrevê-las usando ão no final. Se sim, escrevam novamente as palavras, fazendo a modificação.

brincaram	
pularam	
subiram	
ficaram	

3- Há alguma diferença ao ler estas palavras, quando terminam com AM e quando terminam com ão?

4- Quando vocês acham que podem usar, corretamente, palavras com AM e com ão?

5- Dê exemplos de outras palavras que poderiam terminar com AM e com ão.

Aula 5:

Coletivamente, retome a discussão feita na aula anterior e pergunte aos alunos, se eles poderiam dar uma boa dica para se usar, corretamente, a terminação ão e AM em algumas palavras. Depois disso, releia o quadro com as hipóteses das crianças e pergunte se gostariam de mudar ou acrescentar algo na lista das regras provisórias.

Aula 6:

Esta atividade será destinada a pensar em

palavras que aceitam ou não as terminações AM e ão. Tentaremos, mais uma vez, aproximá-los da regra, diferenciando que tais terminações podem ocorrer em verbos e não em substantivos e advérbios, por exemplo. Não é preciso usar essa nomenclatura, mas as crianças precisam ter a noção de que no passado usamos AM e, no futuro, para as coisas que irão acontecer, o ão. O que foge do tempo verbal também pode ser escrito com ão, no caso dos substantivos.

Atividade para o aluno:

Das palavras listadas abaixo, marque aquelas que poderiam ser escritas com outro final (am ou ão) e continuariam a fazer parte de nossa língua:

mão	estudarão	trabalharam
levaram	pão	descansaram
sabão	criação	não
usaram	entrarão	coração
macarrão	encontraram	marcarão
cantaram	mamão	partirão

Etapa 3: Pesquisa de contraexemplos (verificação das hipóteses levantadas).

Tempo estimado: 2 aulas.

Aula 7:

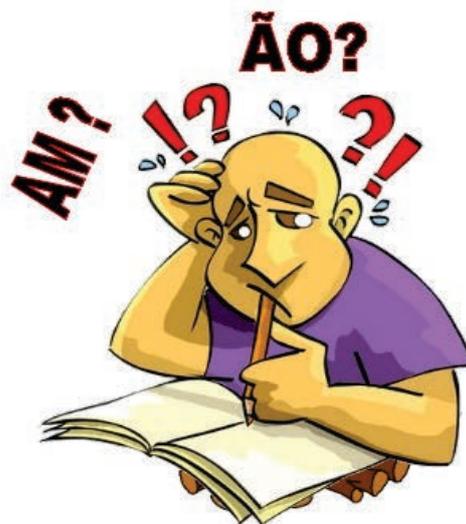
Depois de ter levantado as hipóteses, proporemos duas aulas para verificá-las. Uma questão imprescindível para ser discutida é que usaremos o AM, somente nas palavras que indicam uma ação que já ocorreu e ão, nas palavras que indicam uma ação que ocorrerá, ou, em palavras que nomeiam alguma coisa (substantivo). Para isso, a atividade a seguir servirá para confirmar ou descartar as hipóteses levantadas.

A proposta é fazer um texto na lousa, antes das crianças irem ao recreio, relatando tudo o que farão neste momento. Por exemplo: os alunos do 3º ano tomarão o lanche, jogarão os papéis no lixo, deixarão o lugar limpo, farão a higiene bucal e, depois, brincarão de esconde-esconde.

Após o recreio, ao lado do texto já escrito, a professora escreverá novamente o texto, relatando o que aconteceu. Por exemplo: os alunos do 3º ano tomaram o lanche, jogaram os papéis no lixo, deixaram o lugar limpo, fizeram a higiene bucal e, depois, brincaram de esconde-esconde.

(O texto acima é apenas uma sugestão. Tente fazer algum bem próximo da realidade de sua classe.)

AM ou ÃO



Depois de ter feito os dois textos, pergunte aos alunos o que perceberam de diferente. Com certeza, notarão que o tempo verbal mudou. Após, retome com eles o quadro com as regras provisórias e faça as modificações necessárias.

Aula 8:

Agora, proponha uma nova busca nos livros que compõem o acervo da classe ou da biblioteca ou, ainda, em outros textos levados pela professora, para encontrar exemplos e contraexemplos que validem ou invalidem as demais regras levantadas pelos alunos. Vale a mesma orientação, já dada na aula anterior, de retomar o quadro com as hipóteses levantadas pelas crianças, no início dessa sequência.

Etapa 4: Formulação de justificativas (registro das descobertas).

Tempo estimado: 1 aula.

Aula 9:

Esta aula será destinada a formular a regra descoberta nas etapas anteriores. Depois da etapa de verificação, era esperado que os alunos chegassem à regra. Valerá a pena voltar à atividade feita na aula 1 e pedir a eles que coloquem o jeito correto de escrever a palavra, ao lado de cada lacuna ou no final do texto. A aula 6 também poderá ser retomada nesta discussão, porque aparecem alguns substantivos e um advérbio (não).

Novamente quero frisar que não precisamos usar essas nomenclaturas. Podemos dizer que são palavras que não mudam de acordo com as ações desenvolvidas, como é o caso dos verbos.

É importante que a linguagem usada no registro da regra seja a mais próxima possível do que os alunos disserem. Caso haja necessidade, elaborar um novo registro, coletivamente, com as descobertas do grupo e as regras convencionais.



Etapa 5: Sistematização (uso da regra em diferentes contextos).

Tempo estimado: 3 aulas.

Aula 10:

Grife no texto, as palavras que podemos trocar seu final: AM por ãO.

Na sequência, circule as palavras terminadas com ãO, que não podem ser alteradas com AM.

decidiram



decidirãO

irmão

~~irmãM~~

Barco terrestre

O rei de um país distante proclamou certa vez que daria a mão de sua filha a quem construísse um barco capaz de navegar em terra firme.

Três irmãos decidiram tentar a proeza. No dia seguinte, ao nascer do sol, o mais velho foi até a floresta e derrubou uma árvore; mal começou a serrá-la, uma velha lhe perguntou o que ia fazer. “Tábuas”, ele respondeu rudemente. “Pois que assim seja...” a velha resmungou. Ele se esfalfou o dia inteiro e só conseguiu mesmo fazer tábuas.

Então chegou a vez do irmão do meio, que também se deparou com a velha e lhe disse que ia fazer colheres de pau. “Pois que assim seja...”, repetiu ela. O rapaz trabalhou muito e só fez mesmo colheres de pau.

O último a tentar foi Jean, o caçula. Quando a velha o abordou, contou-lhe que pretendia construir um barco terrestre. “Boa sorte!”, disse ela.

Ao entardecer, quando Jean estava martelando o último prego, a velha reapareceu. “Só faltam as velas”, ela falou. E, vendo que o jovem a fitava desanimado, sem saber como conseguir tanto pano para as velas, ordenou-lhe: “Volte aqui amanhã com todos os trapos que encontrar”.

No dia seguinte Jean acordou bem cedo e rumou para a floresta, levando uma imensa trouxa. Num segundo a velha transformou os trapos em velas, e o rapaz saiu navegando em terra firme.

No caminho do palácio se deparou com um homem deitado numa fonte seca. “O que está fazendo aí?”, perguntou-lhe. “Estou esperando a fonte se encher de novo, pois bebi toda a água que havia. Meu nome é Esponja”, o outro respondeu. “Venha comigo”, Jean o convidou.

Mais adiante encontraram um sujeito lambendo pedras. “Elas faziam parte de um forno e ainda têm gosto de pão. Meu nome é Comilão”, ele explicou. “Venha conosco”, disse Jean.

Os três seguiram viagem e logo avistaram um grandalhão movendo as pás de um moinho com seu sopro. “Meu nome é Soprador”, informou ele. “Venha conosco”, Jean o chamou.

Depois arrumaram mais dois companheiros: Bom-de-Ouvido, um velhote que escutava até ruído de uma folha caindo, e Relâmpago, um rapaz mais veloz que os coelhos.

Quando Jean se apresentou no palácio, o rei não se mostrou disposto a lhe dar a mão de sua filha; assim, encarregou-o de encontrar um homem capaz de esvaziar todos os barris de sua adega. “Isso é fácil”, pensou Jean, confiando a façanha a Esponja, que a realizou com louvor.

“Agora encontre alguém capaz de devorar cem pratos de comida”, o rei disse a Jean. Comilão cumpriu a tarefa, dando conta até das migalhas. Por fim Jean teve que encontrar alguém capaz de vencer a princesa numa corrida do palácio até a fonte e da fonte até o palácio. Relâmpago ofereceu seus préstimos e num instante chegou à fonte; vendo que deixara a princesa bem para trás, resolveu se deitar para descansar um pouco e pegou no sono.

Bom-de-Ouvido, que ficara com os outros no jardim do palácio, colocou a orelha no chão. “O folgado está roncando!”, exclamou. Mais que depressa Soprador encheu a boca de ar e soprou, afastando a princesa da fonte e acordando Relâmpago, que ganhou a corrida. Jean se casou com a princesa e convidou seus cinco companheiros para morar no palácio pelo resto da vida.

Fonte: Volta ao mundo em 52 histórias, Neil Philip. Ed. Cia das Letrinhas.

Aspectos	Terminações “- AM”	Terminações “- ãO”
Pessoa verbal	Precisaram, jogaram... - 3ª pessoa do plural (exemplos a serem completados pelos alunos)	Virão, colocarão... - 3ª pessoa do plural (exemplos a serem completados pelos alunos)
Tonicidade	Palavra paroxítona (sílabas tônicas identificadas na penúltima sílaba)	Palavra oxítona (sílabas tônicas identificadas na última sílaba)
Terminação	“- RAM”	“- RÃO”
Sentido	Ação concluída	Ação que ainda vai ocorrer
Tempo e modo verbal	Pretérito perfeito do modo indicativo	Futuro do presente do modo indicativo

Aula 11 – Jogo dos 9 erros:

O texto seguinte é um trecho da história “O Gigante Egoísta”. Nele há 9 palavras grafadas com o final incorreto, tanto na forma como as lemos quanto no tempo verbal da narrativa. Encontre-as e marque-as:

Gigante egoísta

Todas as tardes, ao saírem do colégio, as crianças costumavam ir brincar no jardim do Gigante.

Era um jardim lindo e grande, com grama verde e suave. Aqui e ali, sobre a grama, apareciam flores belas como estrelas, e havia doze pessegueiros que, na primavera, abriam-se em flores delicadas em tons de rosa e pérola, e davão ricos frutos no outono. Os pássaros pousavam nas árvores e cantavam tão docemente que as crianças costumavam parar de brincar só para ouvi-los.

– Como nos sentimos felizes aqui! – exclamavam elas.

Certo dia o Gigante voltou. Ele tinha andado visitando seu amigo, o ogre da Cornualha, e ficou sete anos com ele. Depois de sete anos ele já havia dito tudo o que tinha para dizer, já que sua conversa era limitada, e resolveu voltar para seu próprio castelo. Ao chegar, ele viu as crianças brincando no jardim.

– O que é que vocês estão fazendo aqui? – gritou ele com uma voz muito ríspida, e as crianças saíram correndo.

– O meu jardim é o meu jardim – disse o Gigante. – Qualquer um pode compreender isso. Eu não vou permitir que ninguém brinque nele, a não ser eu mesmo.

De modo que ele construiu um muro alto em torno do jardim e colocou um cartaz de aviso.

OS INVASORES SERAM PROCESSADOS

Ele era um Gigante muito egoísta.

As pobres crianças agora não tinham mais onde brincar.

Eles tentarão brincar na estrada, mas a estrada era muito poeirenta e cheia de pedras duras, e elas não gostavam. Começarão a passear em torno do muro depois das aulas, conversando sobre o lindo jardim que ficava lá dentro. “Como éramos felizes lá!”, diziam umas às outras.

[...]

Fonte: O livro das virtudes, William J. Bennett. Ed. Nova Fronteira.



G / J

A regra, explicada por Artur Gomes de Moraes, em seu livro *Ortografia: ensinar e aprender* é a seguinte: “Em função do contexto em que aparece a relação letra-som, poderemos sempre gerar grafias corretas, sem precisar memorizar.” Para o G e J – com as vogais a, o, u –, temos sons diferentes. Já com as vogais e, i, temos uma irregularidade, ou seja, os sons são iguais e, para saber a forma correta de escrever, é preciso perguntar a alguma pessoa que conhece a palavra, ou procurar em outras fontes de consulta, como o dicionário, por exemplo. A diferença entre G e GU será discutida em outra sequência, no próximo trimestre.

Etapa 1: Observação e problematização de regularidades.

Tempo estimado: 2 aulas.

Aula 1:

Ditar algumas palavras, pedindo que as crianças as registrem, individualmente, da forma que acharem correta:

jiboia, jegue, galinha, gorila, jacaré, jaguatirica, canguru, João-de-barro, ararajuba, bugio, ganso, jabuti, panda-gigante, geneta (felino), jurupari (peixe), golfinho e naja.

Recolher as produções, verificar todas as formas grafadas de uma mesma palavra e listá-las. Podemos antecipar que as palavras que tenham ge e gi poderão gerar uma boa discussão, já que algumas crianças escreverão com G e outras com J. As que têm sons diferentes podem ser confundidas com muita facilidade, por crianças dessa faixa etária, por isso é necessário um debate em grupo, para chegar a um acordo.

Aula 2:

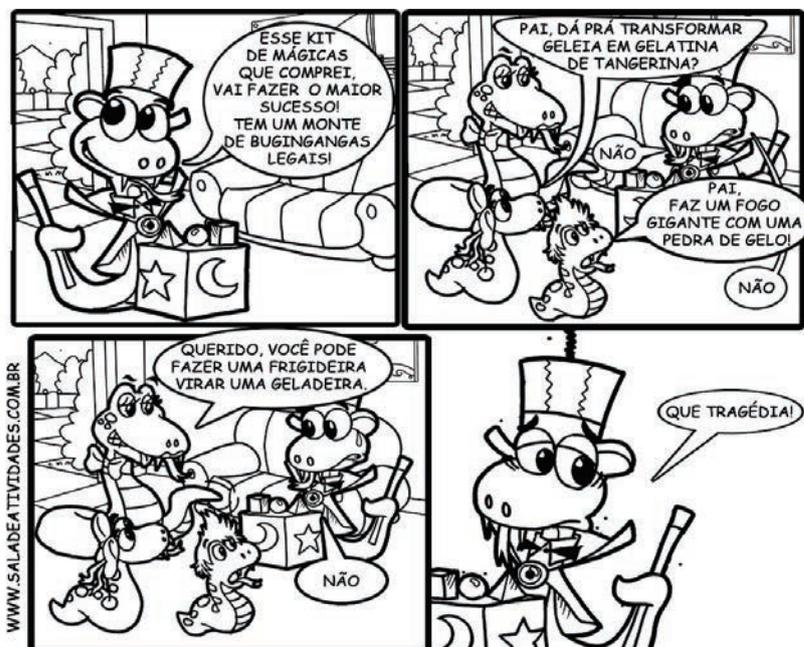
Consideradas as diferentes formas de se grafar, organizar agrupamentos de 4 crianças e entregar, em folha, todas as escritas que surgiram de uma mesma palavra no ditado. Cada palavra poderá ter apenas duas possibilidades de escrita: com G ou J. Coloque, então, na atividade, apenas as que saíram no ditado de sua sala. Não considere outros erros de ortografia, pois o foco do trabalho é o uso do G e do J. Se houver palavras que todas as crianças tenham acertado, não colocá-las nessa atividade. A proposta de trabalho é que discutam essas diferentes grafias e tentem decidir qual é a correta. Não esqueça de dar uma dica para a criança que escreveu incorretamente.

VIAJEM OU VIAGEM



usando

G e J



Etapas 2 e 3: Pesquisa ou coleção de palavras que apresentem a mesma regularidade. Construção e elaboração de regras (levantamento de hipóteses).

Tempo estimado: 4 aulas.

Aula 3:

A próxima etapa é discutir, coletivamente, o debate feito pelos grupos na aula anterior, levantando, assim, as hipóteses que as crianças possuem sobre a regularidade. A ideia é que nesta aula seja feito um cartaz, com as informações escritas pelos quartetos, e deixá-lo exposto no mural. É importante que todos os grupos falem sobre o que discutiram; caso algum grupo expresse ideias contrárias às de outro grupo, deixe que decidam qual escolher. Se houver impasse, anote as duas e deixe claro aos alunos, que irão averiguar nas próximas atividades.

Aula 4:

Caso haja palavras que todas as crianças acertaram no ditado, listá-las na lousa e pedir que, em dupla, pensem em uma justificativa que explique o porquê de ninguém ter errado tal escrita. Um exemplo possível é a palavra galinha, pois se colocarmos a letra “J” o som é modificado. A discussão advinda dessa atividade é importante, porque os alunos se aproximam ainda mais da regra, já que percebem que “ja” tem som diferente de “ga”.

Aula 5:

Para esta atividade, pedir para que os alunos classifiquem as palavras do ditado em 2 grupos e

deem um nome para cada um. Aqui, as crianças aproximam-se muito da regra, pois ao pensarem na nomenclatura dos grupos, estão relacionando o uso ao o som das letras trabalhadas. Não é um problema haver diferentes classificações, porque vários debates acontecerão para definir as palavras que formam cada um dos dois grupos. Depois que toda a classe terminar a atividade, promova uma discussão coletiva a respeito da classificação. Vale ressaltar novamente, que o professor, neste momento, atua somente como mediador do debate, não dando ainda nenhuma informação sobre a regra.

Aula 6:

Para esta aula, escolher um texto que apresente várias palavras escritas com a regularidade trabalhada e, após lê-lo para as crianças e conversar sobre ele, pedir que grifem todas as palavras que possuem a letra G e J. Em seguida, retomar os grupos de palavras, formados na aula anterior, e pedir que adicionem as novas palavras (grifadas no texto) aos grupos já existentes. Discutir coletivamente e conversar com as crianças se tiveram algum impasse para o encaixe das palavras.

Depois desta aula, o cartaz com as hipóteses das crianças poderá ser modificado, mesmo que ainda de maneira provisória.

Complete a cruzadinha abaixo com palavras com G OU J.

- 1- Quem tem autoridade pública e poder para julgar.
- 2- Pequeno mamífero carnívoro.
- 3- Pessoa que fabrica, conserta ou vende joias.
- 4- Terreno no qual se cultivam plantas ornamentais, arbustos e flores.
- 5- Crianças que nasceram no mesmo parto.
- 6- Destilado do petróleo usado como combustível.
- 7- Parte amarela do ovo das aves e dos répteis.
- 8- Água ou outro líquido solidificado pela ação do frio.
- 9- Publicação diária com reportagens, notícias, entrevistas, etc.
- 10- Grande serpente não venenosa.
- 11- Armação de arame ou madeira usada para manter passarinhos presos.
- 12- O sexto mês do ano no nosso calendário.

www.saladeatividades.com.br

Etapa 4: Pesquisa de contraexemplos (verificação das hipóteses levantadas)

Tempo estimado: 1 aula.

Aula 7:

Nova busca, agora nos livros que compõem o acervo da biblioteca de classe ou em outros textos levados pela professora, para localizar exemplos e contraexemplos que validem ou invalidem as regras levantadas pelos alunos.

Etapa 5: Formulação de justificativas (registro das descobertas).

Tempo estimado: 1 aula.

Aula 8:

Voltar aos grupos de palavras, formados inicialmente, validando os corretos e eliminando os incorretos. Verificar os registros das etapas 2 e 3 (as hipóteses levantadas), em duplas, decidindo o que precisa ou não ser alterado. Caso haja necessidade, elaborar um novo registro, coletivamente, com as descobertas do grupo e as regras convencionais.

Etapa 6: Sistematização (uso da regra em diferentes contextos).

Tempo estimado: 3 aulas.

Seguem algumas sugestões para sistematizar o conteúdo trabalhado. A depender da sala, o professor pode pensar em mais atividades que contemplem essa etapa.

Aula 9 – Ditado com anotador de dúvidas:

o professor dita um texto e as crianças o registram, dizendo em voz alta as suas dúvidas (quanto ao uso das letras G/J), para uma das crianças do grupo (o anotador), que as registra. Discutir coletivamente os registros dos anotadores.

A sugestão de texto para esta aula é o que segue:

O ratinho da cidade e o ratinho do campo

Certo dia um ratinho do campo convidou seu amigo que morava na cidade para ir visitá-lo em sua casa no meio da relva. O ratinho da cidade foi, mas ficou muito chateado quando viu o que havia para jantar: grãos de cevada e umas raízes com gosto de terra.

— Coitado de você, meu amigo! — exclamou ele. — Leva uma vida de formiga! Venha morar comigo na cidade que nós dois juntos vamos acabar com todo o toucinho deste país!

E lá se foi o ratinho do campo para a cidade. O amigo mostrou para ele uma despensa com queijo, mel, cereais, figos e tâmaras. O ratinho do campo ficou de queixo caído. Resolveram começar o banquete na mesma hora. Mas mal deu para sentir o cheirinho: a porta da despensa abriu e alguém entrou. Os dois ratos fugiram apavorados e se esconderam no primeiro buraco apertado que encontraram. Quando a situação se acalmou e os amigos iam saindo com todo o cuidado do esconderijo, outra pessoa entrou na despensa e foi preciso sumir de novo. A essas alturas o ratinho do campo já estava caindo pelas tabelas.

— Até logo — disse ele. — Já vou indo. Estou vendo que sua vida é um luxo só, mas para mim não serve. É muito perigosa. Vou para minha casa, onde posso comer minha comidinha simples em paz.

Fonte: Fábulas de Esopo. Cia das Letrinhas.

Moral: Mais vale uma vida modesta com paz e sossego que todo o luxo do mundo com perigos e preocupações.

Aula 10 – Jogo dos 7 erros:

Escolher um texto pequeno, alterar a escrita de 7 palavras e pedir às crianças para grifarem as palavras incorretas e, depois, escrevê-las corretamente.

Sugestão de texto:

As rãs em busca de um rei

As rãs andavam muito amoladas porque viviam sem lei, por isso pediram a Zeus que arrangesse um rei para elas. Zeus percebeu a injenuidade das rãs e gogou um toco de árvore no lajo. No começo as rãs ficaram apavoradas com o barulho da água quando caiu o toco e merjulharam bem para o fundo. Um pouco depois, vendo que o toco não se mexia, subiram para a superfície e escalaram o toco. Aquele rei não prestava, pensaram, e lá se foram pedir outro rei a Zeus. Mas Zeus já tinha perdido a paciência e lhes mandou uma cejonha, que num instante devorou todas as suas súditas.

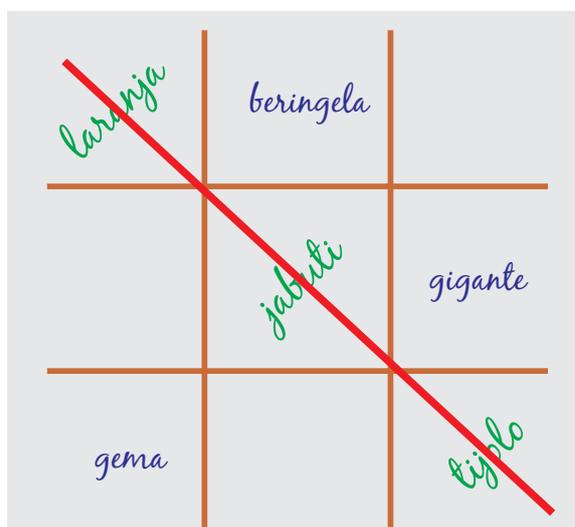
Fonte: Fábulas de Esopo. Cia das Letrinhas.

Moral: Saiba quando se dar por satisfeito.

Aula 11 – Jogo da velha:

Cada criança escolhe se vai escrever palavras com G ou J, nos espaços do jogo da velha. Depois, é só ir jogando!

Quem conseguir escrever suas três palavras, numa mesma linha ou coluna, ganha a partida.



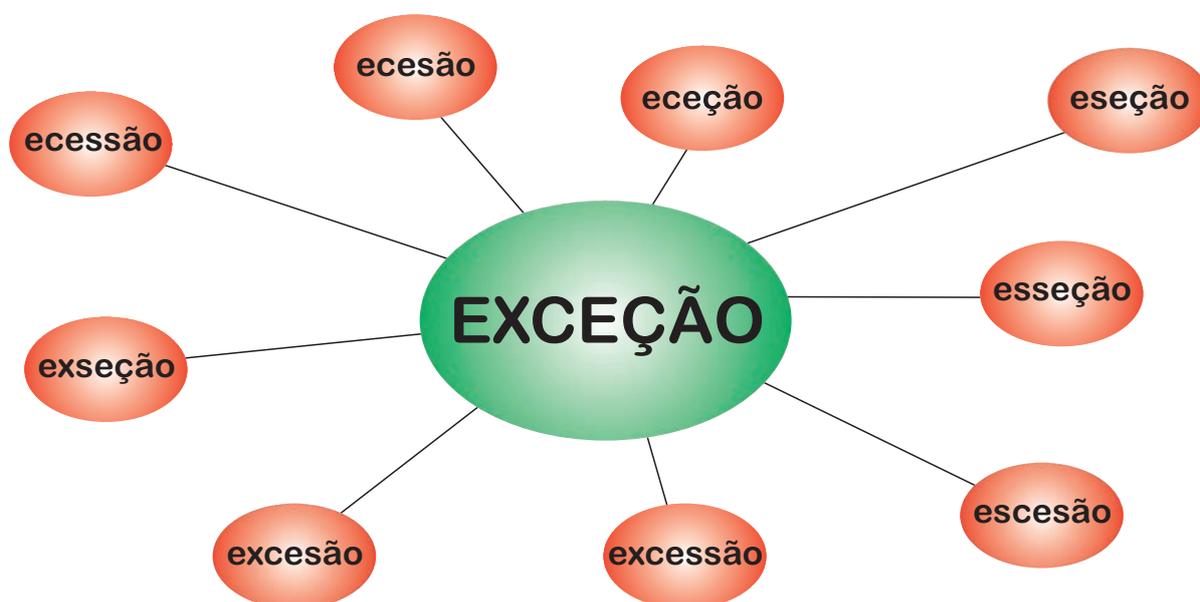


Sequências para o trabalho com as turmas de 6º ao 9º ano

Som do S

O trabalho com as irregularidades de nossa ortografia baseia-se na memorização das palavras já que, nesses casos, não há regra que ajude o aluno a decidir como escrever. Por isso, é preciso investir em atividades que promovam a memorização de palavras que são, de fato, importantes e que, recorrentemente, aparecem quando elas escrevem. Nesses casos, segundo Arthur Gomes de Moraes, “a exposição do aprendiz aos modelos de escrita correta das palavras que contêm irregularidades é fundamental para que ele memorize sua imagem visual”.

O trabalho com as listas de palavras de uso frequente, a observação das semelhanças entre as palavras irregulares, que pertencem a uma mesma família semântica, e o uso do dicionário são alguns dos caminhos possíveis, para que os alunos possam aprender os sons do “s” e as várias letras usadas para grafá-lo, tornando esse conteúdo objeto de reflexão durante esse trimestre. É importante esclarecer que não priorizaremos, nesta sequência, a disputa entre “s” e “z”, mas sim, o uso de letras e dígrafos como: s, c, ç, ss, sc, sç, xc e x para grafar um mesmo som: /s/.





Etapa 1: Observação e problematização das diferentes grafias do som /s/.

Aulas 1 e 2:

Atividade: A começar pela leitura do poema “O soluço”, que contém algumas palavras com som /s/, problematizar, pedindo às crianças que observem semelhanças entre as palavras grifadas.

1. Leia o poema a seguir:

O SOLUÇO

– Anda tão devagar

a minha tartaruguinha!

Assim, dizia espantada

a curiosa Lili.

Mas o que ela não **percebia**

é que a tartaruga

de verdade não andava.

O que ela tinha

era **soluço**:

huc! – uma perna se levantava

hic! – e depois **descia**.

Era movimento tão lento

tão va-ga-ro-si-nho

que nem parecia **soluçar**.

Huc – hic! Huc – hic!

Uma tartaruga que anda

de soluço

onde é que vai chegar?

Fernando Paixão. Poesia a gente inventa. São Paulo:
Ática, 1997.

2. Agora, converse com seus colegas e tente descobrir: o que as palavras grifadas têm em comum?

A proposta é que as crianças percebam que todas as palavras grifadas têm o som /s/. É possível que os alunos respondam que todas têm a letra “c”. No entanto, a palavra “assim” desestabiliza essa hipótese, da mesma forma que a palavra “percebia” desconstrói a ideia de que todas as grifadas têm a letra “s”.

Assim que os alunos identificarem a semelhança no som das palavras selecionadas, questione se conhecem outras palavras, nas quais essas letras (C, Ç SS, SC e S) representam o mesmo som.

Como tarefa de casa, solicite que pesquisem outras palavras como essas e tragam na próxima aula (combinar data).

palavras com som de S representado pelas letras:

C	Ç	S	SS	SC
cérebro	dança	cansado	assim	descer
ciúmes	redação	ansioso	acessório	nasceu
cera	mudança	diversão	professor	crescimento
cego	esperança	pretensioso	passeio	descendente
cebola	Suiça	anseio	excessivo	nascente

Aulas 3 e 4:

Nesta aula, cabe ao professor retomar a discussão da atividade anterior. Para isso, poderá utilizar as palavras pesquisadas pelas crianças, na lição de casa, e verificar se conseguiram encontrá-las, de acordo com o critério estabelecido (palavras com som de /s/, representado pelas letras C, Ç, S, SS e SC).

Faça um quadro na lousa e registre-as, classificando-as de acordo com a letra que representa o som /s/.

C	Ç	S	SS	SC

Em seguida, apresente-lhes uma lista de palavras, com outras letras representando o mesmo som, e peça-lhes que observem o que elas têm de semelhante com as escritas no quadro.

Atividade em duplas:

1. Leia as palavras abaixo:

desço	próximo	excelente	extra
cresço	exceção	máximo	trouxe
excepcional	auxílio	exercício	extraordinário

O que elas têm em comum com as palavras pesquisadas na lição de casa?

2. De acordo com as discussões feitas em sala e com a observação das palavras do quadro, o que é possível aprender sobre o som /s/?

Espera-se através desses exercícios que os alunos percebam que outras consoantes (x) e outros dígrafos (xc, sç) também podem representar o som /s/.

Etapa 1: Construção/elaboração de dicas para escrita de determinadas palavras.

Aula 5:

Retome o que foi discutido na aula anterior e registre as descobertas da sala, em um cartaz intitulado Descobertas sobre o som /s/, anotando as diferentes possibilidades de grafia desse fonema e deixe-o em um local visível da sala. O texto deve ser o mais próximo da linguagem das crianças, para que possa realmente ser compreendido e utilizado como fonte de consulta: **“Hoje descobrimos que o som /s/ pode ser representado de diferentes formas...”** Se quiser, utilize como exemplos, algumas das palavras trazidas pelos alunos.

Tenha cuidado para optar por aquelas que sejam mais utilizadas pela turma, ou seja, as que eles frequentemente escrevem errado no dia a dia.

Informe-lhes que, no caso das palavras que possuem o som /s/, não há regras que definam qual letra devemos usar, razão pela qual o grupo deverá memorizar esses vocábulos para não errá-los. As descobertas registradas no cartaz poderão ser copiadas pelos alunos e ampliadas, de acordo com as conclusões obtidas, ao longo do trabalho, com essa sequência.

Aula 6:

No caso das irregularidades ortográficas, não há uma regra a ser construída pelo grupo. Diante de tantas possibilidades de grafia de um mesmo fonema, o processo de formação de palavras, chamado derivação, pode ser uma boa estratégia para a resolução de dúvidas ortográficas. Na derivação, a palavra primitiva perde uma parte e, à que resta (radical), acrescenta-se um sufixo (derivação sufixal). A palavra caça, por exemplo, é primitiva, e as palavras caçador e caçada são derivadas. Ao radical **caç-**, juntou-se os sufixos **ador** e **ada**.

A atividade a seguir propõe que os alunos observem a parte das palavras primitivas que se mantém inalterada e acrescentem o sufixo. Dessa forma, poderão apoiar-se na escrita de palavras já conhecidas, para sanar dúvidas com relação às palavras derivadas. Ou seja, se sabem que “doce” escreve-se com a letra “c”, então, doceira e doceria serão escritas com o mesmo grafema.

A fonética estuda os sons da fala e as palavras estão formadas por sílabas e fonemas. Na língua portuguesa algumas letras quando unidas a outra assumem pronúncia distinta ao seu som original. Podemos observar isso nas diferentes grafias do som /s/.

Possuir boa ortografia significa dominar as regras gramaticais da língua portuguesa e expressar-se de forma correta respeitando sempre a norma culta do idioma. Para tal meta se faz necessário conhecer as normas de acentuação e o emprego das letras em distintos vocábulos.

Na língua portuguesa um erro comum é o uso das letras X, S, Z e Ç ao meio das palavras, por isso é preciso ter atenção.

Atividade em duplas:

1. As palavras de mesma origem e que têm uma relação de sentido entre si formam uma família.

Observe:

CABEÇA

CABEÇUDO

CABEÇADA

CABEÇALHO

Agora, junto com sua dupla, forme famílias de palavras:

DOCE _____

EXPOR _____

CIDADE _____

PÁSSARO _____

SAPATO _____

EXCETO _____

ADOLESCER _____

2. De que forma as palavras de origem auxiliaram na escrita de outras palavras?

Após a realização dessa atividade, registre as conclusões dos alunos, no cartaz Descobertas sobre o som /s/.

O som das letras e a escrita: Para que o aluno tenha uma boa escrita, é necessário distinguir os grafemas consonânticos homófonos, ou seja, que têm o mesmo som; sendo assim, é preciso diferenciá-los quanto ao seu emprego nas palavras.

Etapa 3: Sistematização (coleção de palavras).

Aulas 7 e 8:

As coleções de palavras podem ser formadas de acordo com critérios diferentes. Por haver uma lista muito extensa de possibilidades, no caso da irregularidade que estamos explorando com os alunos, seria interessante enfatizar, principalmente as palavras que são utilizadas com frequência e que os alunos erram mais (lição, adição, multiplicação, você, exercício, professor). Pode-se optar, também, por fazer uma lista de palavras ligadas a uma área do conhecimento ou a um tema que a sala esteja estudando (civilização, egípcios, sarcófagos, habitação).

As coleções devem ficar sempre disponíveis para consulta dos alunos (em seus cadernos) e afixadas em cartazes (nas paredes da sala).

Negocie um período em que esse material ficará exposto: A partir da data X, não poderemos mais errar estas palavras! Até lá, sempre que possível, proponha aos alunos que observem suas produções, suas respostas e suas cópias, verificando se não escreveram alguma palavra da lista de forma incorreta.

Atividade em duplas:

Durante as últimas aulas, vimos que o som /s/ pode ser representado por: **C, Ç, S, SS, SC, SÇ, X e XC**

1. Vejam em qual das colunas, você e seu par (dupla) devem escrever cada uma das palavras que a professora vai ditar. Fiquem atentos, pois as palavras são bastante usadas por vocês.

C	Ç	S	SS
SC	SÇ	X	XC

2. Agora, consulte no dicionário, as palavras escritas por você e seu par (dupla) e façam a correção do ditado.

3. Junto com sua professora, registre essa coleção no cartaz: "Palavras que não podemos errar mais, a partir do dia.....!" **Sempre que houver dúvida quanto à escrita de alguma delas, é só consultar!**

E	X	E	R	C	Í	C	I	O	Z	X	F	H	B	N	E	R	L	U	M
X	P	I	S	C	I	N	A	O	A	Ç	Ú	C	A	R	P	W	I	X	R
C	Q	S	A	Z	X	D	E	S	C	E	R	C	D	V	B	N	Ç	M	O
E	E	R	T	P	A	S	S	A	D	O	Y	Z	I	M	Y	K	Ã	L	S
L	G	E	D	R	C	R	E	S	C	E	R	T	Ç	Y	U	I	O	P	S
E	Í	V	O	C	Ê	A	S	D	F	G	H	J	Ã	K	L	P	I	U	E
N	P	Z	Ç	X	C	V	B	N	M	Q	W	E	O	R	T	Y	U	I	F
T	C	A	U	M	U	L	T	I	P	L	I	C	A	Ç	Ã	O	K	P	O
E	I	S	R	D	F	G	H	J	K	L	V	C	X	B	M	Z	C	V	R
P	O	U	A	R	E	W	Q	A	A	C	D	J	E	N	T	E	Z	B	P

Aula 9 - Caça-palavra:

1. Você gosta de desafios? Então, descubra 15 palavras com som /s/, escondidas no caça-palavra acima:

A) Pinte aquelas que conseguir encontrar para depois organizá-las.

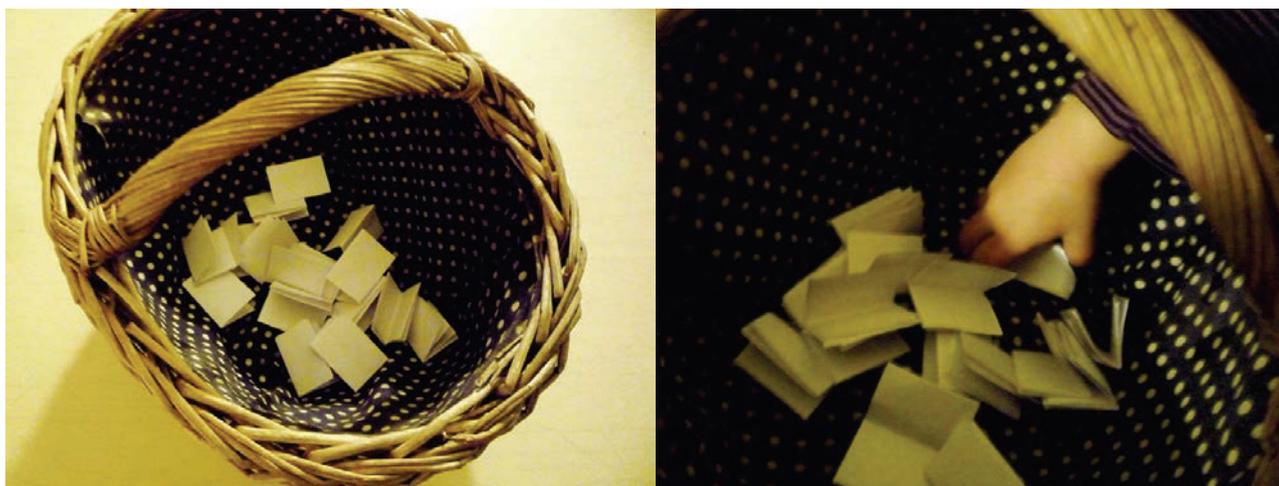
B) Escreva as palavras encontradas nas colunas correspondentes:

C	Ç	S	SS
SC	SÇ	X	XC

2. Agora, acrescente-as na coleção de palavras que sua turma não deve errar mais.

A ênfase na coleção de palavras deve-se ao fato de estarmos tratando de irregularidades, isto é, de casos em que a apropriação depende da memória visual. Por isso, quanto mais as crianças estiverem em contato com essas palavras, mais poderão criar imagens fotográficas delas em suas mentes.

Desse modo, de acordo com Artur Gomes de Moraes, “é preciso estar alerta para a relevância das palavras (onde aparecem irregularidades) que listamos com a turma e tomamos como objeto de acordo com a aprendizagem. Não podemos nos impressionar com os erros que os alunos cometem em palavras ainda não focalizadas sistematicamente no processo de ensino-aprendizagem e precisamos ajudá-los a aprender a usar autonomamente o dicionário [...], pois, até o final da vida, mesmo adultos 'bem letrados' têm dúvidas ortográficas sobre palavras com correspondência letra-som irregulares” (p.109).



Aula 10:

Depois de algum tempo de trabalho com a lista de palavras, proponha ditados e verifique nas produções de texto, como sua turma está memorizando a coleção criada no decorrer das aulas.

Informe ao grupo que, durante essas atividades, os cartazes serão retirados temporariamente dos locais onde estão expostos, para que se desafiem a relembrar a grafia das palavras.

Atividade individual – Tômbola:

Escolha 20 palavras dentre as 30 que sua professora ditará. Escreva-as nos espaços que quiser, de forma a preencher toda a tabela.

Depois que todos estiverem com a sua tabela preenchida, pode-se começar o jogo.

Marque na tabela, as palavras que forem sorteadas pela professora, de forma a eliminá-las.

Ganhará o jogo, o sortudo que conseguir eliminar todas as palavras primeiro. Mas, atenção! Não ganhará, se houver erro na grafia das palavras.

Prepare-se e boa sorte!

Tabela de palavras	

Tabela de palavras	
<i>disseminação</i>	<i>próximo</i>
<i>descer</i>	<i>excelência</i>
<i>assumiu</i>	<i>máximo</i>
<i>contexto</i>	<i>cego</i>
<i>exercício</i>	<i>cera</i>
<i>açúcar</i>	<i>auxílio</i>
<i>passarinho</i>	<i>sossego</i>
<i>adolecente</i>	<i>pretensioso</i>
<i>descendente</i>	<i>assimétrico</i>
<i>crescido</i>	<i>exceção</i>

O jogo é bem parecido com um BINGO. Cada aluno deverá ter a sua tabela com as palavras escolhidas e escritas por ele. A professora fará o sorteio das palavras através de uma tombola, ou caixa fechada.

Sons do Z

Como já dissemos anteriormente, o trabalho com as irregularidades de nossa ortografia baseia-se na memorização das palavras já que, nesses casos, não há regra que ajude o aluno a decidir sobre a escrita correta. Partindo de uma reflexão sobre as diferentes formas de representar o som /z/, as crianças farão uma série de atividades, nas quais poderão observar a grafia de certas palavras e construir, coletivamente, estratégias para aprender como se escreve algumas delas.

Novamente, retomaremos o trabalho com a criação de listas de palavras e a observação de famílias semânticas, assim como o uso do dicionário, como recursos para ajudar na aprendizagem do conteúdo de maneira reflexiva e prazerosa.



Etapa 1: Observação e problematização das diferentes grafias do som /z/.

Tempo estimado: 4 aulas.

Aulas 1 e 2:

Atividade: Partindo da leitura do texto “Medo: o corpo reage”, que contém algumas palavras com som /z/, problematizar, pedido às crianças que observem semelhanças entre as palavras grifadas.

Leia o texto a seguir. Você descobrirá o que acontece a cada órgão de nosso corpo, quando sentimos medo.

MEDO: o corpo reage

Todo mundo sente medo de alguma **coisa**: medo de altura, de escuro, de dentista, de uma prova. Às vezes, ele dá **prazer**, por isso, muitas crianças gostam de ouvir histórias de terror.

O medo, em geral, é um sinal de **defesa** a uma situação de perigo. Diante de uma ameaça, o organismo reage colocando o corpo todo em estado de atenção e pronto para fugir.

Veja o que acontece com alguns órgãos do corpo em um momento de medo:

- Cérebro: comanda a produção de substâncias que alteram o funcionamento de diversas partes do corpo.
- Olhos: as pupilas dilatam, diminuindo a capacidade de observar detalhes, mas o poder da **visão** geral aumenta, permitindo a **localização exata** de rotas de fuga.
- Coração e pulmões: a respiração torna-se rápida, facilitando a entrada de mais oxigênio no organismo e acelerando os batimentos cardíacos. Então, o cérebro e os músculos trabalham além do normal e a pessoa fica mais alerta e mais ágil.
- Estômago: a digestão se acelera, transformando os alimentos em energia para que o corpo possa se defender.

Essas reações são naturais. Porém, se o medo tomar uma proporção **exagerada**, a pessoa pode adoecer.

Fonte: Tudo – O livro do conhecimento. Editora Três e Psiqweb.

2. Agora, converse com seus colegas e tente descobrir: o que as palavras grifadas têm em comum?

A proposta é que as crianças percebam que todas as palavras grifadas têm o som /z/.

Assim que os alunos identificarem a semelhança no som das palavras selecionadas, questione se conhecem outros vocábulos, nos quais essas letras (S, Z e X) representam o mesmo som. É possível que, devido ao trabalho realizado em séries anteriores, as crianças saibam, por exemplo, que a letra “s”, entre vogais, tem som /z/. Se isso acontecer, retome a regra com o grupo e veja se ela se aplica a outras letras também, como o “x”, por exemplo.

No entanto, embora saibam que quando estão entre vogais, as letras “s” e “x” têm o som “z”, isso ajudará apenas na leitura das palavras e não na escrita delas. Na palavra “exemplo”, a letra “x” está entre vogais e tem o som /z/. No entanto, não há uma regra que justifique por que essa palavra é escrita com essa letra e não com “s” ou “z”.

Após essa discussão, proponha aos alunos que formem duplas e façam uma lista, no caderno, com palavras como essas, ou seja: que têm o som /z/. Se quiserem, as crianças poderão utilizar o dicionário.

coisa **freguesa**
curiosidade **existir** **Isa**
exemplo **bondoso**
exato **casa** **explicar**

Aula 3 e 4:

Nesta aula, cabe ao professor retomar a discussão da atividade anterior. Para isso, pedirá a cada dupla que informe quais foram as palavras listadas na aula anterior, e verificará se conseguiram encontrá-las de acordo com o critério estabelecido.

Juntamente com os alunos, construa um critério para organizar as palavras pesquisadas. De preferência, liste-as de acordo com a letra com a qual foram grafadas. Por exemplo: palavras com som /z/ escritas com “s”; palavras com som /z/ escritas com “z” e palavras com som /z/ escritas com “x”.



Aula 3 e 4:

Nesta aula, cabe ao professor retomar a discussão da atividade anterior.

Para isso, pedirá a cada dupla que informe quais foram as palavras listadas na aula anterior, e verificará se conseguiram encontrá-las de acordo com o critério estabelecido.

Juntamente com os alunos, construa um critério para organizar as palavras pesquisadas. De preferência, liste-as de acordo com a letra com a qual foram grafadas. Por exemplo: palavras com som /z/ escritas com “s”; palavras com som /z/ escritas com “z” e palavras com som /z/ escritas com “x”.

Em seguida, proponha que discutam:

1. O que elas têm em comum com as palavras grifadas no texto “Medo: o corpo reage”?

2. De acordo com as discussões feitas em sala e com a observação das palavras pesquisadas em dupla, o que é possível aprender sobre o som /z/?

Espera-se que os alunos percebam que outras consoantes (S e X) também podem representar o som /z/.

complete as palavras com S, X ou Z

Rapo□a	Ê□ito	E□agerado
Amoro□o	Cru□adinha	O□ônio
E□orci□ar	Atencio□o	A□edo
Pai□agem	E□austo	Ri□ada
Explo□ão	En□ima	E□ercício
E□ame	Pau□ar	Ê□odo
Vi□itante	E□altar	A□eitona
A□ulejo	E□ato	E□cutar
A□a	Mai□ena	An□ol
Qui□er	E□igir	Feli□es



Etapa 2: Construção / elaboração de dicas para escrita de determinadas palavras.

Tempo estimado: 2 aulas.

Aula 5:

Retome o que foi discutido, nas aulas anteriores, e proponha aos alunos que anotem no caderno, o que observaram nas palavras listadas anteriormente, registrando as diferentes possibilidades de grafia do fonema /z/. Utilize como exemplos, as próprias palavras pesquisadas pelos alunos. Dê preferência àquelas utilizadas com mais frequência pelo grupo.

Em seguida, questione-os se conhecem alguma regra que justifique o uso das letras “s”, “z” e “x”, em cada caso. A ideia é ajudá-los a perceber que no caso das irregularidades ortográficas, não há uma regra a ser construída pelo grupo. Informe-lhes que, no caso das palavras que possuem o som /z/, não há regras que definam qual letra devemos usar, razão pela qual o grupo deverá memorizar essas palavras para não errá-las. Dessa forma, ajude-os a listar quais dicas poderiam ser registradas pela classe, com relação às descobertas sobre o som /z/. As dicas levantadas pelo grupo poderão ser ampliadas, de acordo com as conclusões obtidas ao longo do trabalho com essa sequência.

Aula 6:

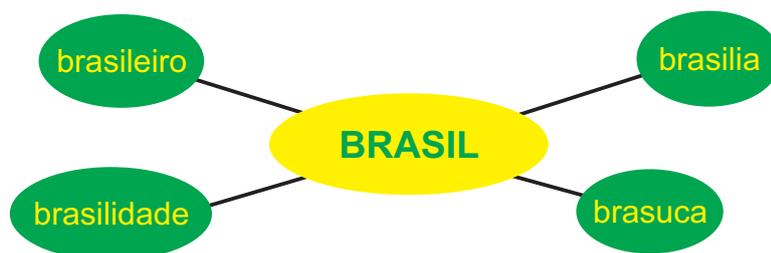
Como já experimentamos, na sequência de sons /s/, no caso das irregularidades ortográficas, o processo de formação de palavras chamado derivação, isso poderá ser uma boa estratégia para a resolução de dúvidas. A atividade a seguir propõe que os alunos observem a parte das palavras primitivas que se mantém inalterada e acrescentem o sufixo. Dessa forma, poderão apoiar-se na escrita de palavras já conhecidas para sanar suas dúvidas, com relação aos vocábulos derivados. Ou seja, se sabem que “exemplo” se escreve com a letra “x”, então, exemplificar e exemplifique serão escritas com o mesmo grafema.

Atividade em duplas:

1. Você já sabe que as palavras da mesma origem e que têm uma relação de sentido entre si formam uma família.

Observe:

CASA CASAL CASAMENTO CASADO CASAMENTEIRA



Agora, junto com seu par (dupla), forme famílias de palavras. Se precisarem de ajuda, consultem o dicionário.

EXERCÍCIO _____

AZAR _____

PESO _____

EXEMPLO _____

PESQUISA _____

EXAME _____

REZA _____

2. De que forma as palavras de origem auxiliaram na formação das famílias?

Após a realização dessa atividade, registre as conclusões dos alunos, juntamente com as dicas construídas na aula anterior.

Etapa 3: Sistematização (Coleção de palavras).

Tempo estimado: 2 aulas.

Aulas 7 e 8:

Selecione algumas das palavras mais utilizadas pelas crianças em seu cotidiano (**exercício, exemplo, exibir, existir, casa, pesquisa, gostoso, fazer, dizer etc.**), proponha a criação de uma lista e deixe-as expostas em um cartaz visível para toda a classe. Combine com as crianças que poderão consultá-lo, sempre que houver dúvida quanto à grafia de alguma dessas palavras.

As coleções devem ficar sempre disponíveis para consulta dos alunos (em seus cadernos) e afixadas em cartazes (nas paredes da sala).

Negocie um período em que esse material deverá ficar exposto: A partir da data X, não poderemos mais errar estas palavras! Até lá, sempre que possível, proponha aos alunos que observem suas produções, suas respostas e suas cópias e verifiquem se não escreveram incorretamente alguma palavra da lista.

Atenção!

Não vamos mais errar palavras!



Atividade em duplas:

1. Observe a lista de palavras a seguir, escrita por um aluno, após ditado realizado pela professora:

**EZATO – PESADO – CASAMENTO – AXARADO – CAZA – CAZEIRO – EZEMPLO – PEZO
ESATAMENTE – ESERCÍCIO – ASED0 – EXECUTIVO – GOSTOSO – AZAR – EXERCITAR
EXATIDÃO – AZEDUME**

Todas foram grafadas da maneira correta?

2. Fique atento ao som /z/ e, juntamente com sua dupla, corrija as palavras que foram escritas de forma errada, completando o quadro a seguir.

Atenção: Algumas palavras da mesma família poderão ajudá-los na correção.

Palavras com som /z/		
Escritas com S	Escritas com Z	Escritas com X

3. Juntamente com sua professora, registre essa coleção no cartaz: “Palavras que não podemos errar mais a partir do dia.....!”. Sempre que houver dúvida na escrita de alguma delas, é só consultar!



Aula 9 - Detetive

1. Você gosta de desafios? Então fique atento, pois as palavras de cada quadro parecem todas da mesma família, mas há uma intrusa...

Vamos ver se você descobre qual é a intrometida!

1. Pinte, nas palavras de cada grupo, a parte que deu origem a elas.

2. Anule a intrusa, fazendo um X na palavra que não faz parte da família e, depois, corrija-a.

AZEITE – AZEITAR – ASEITONA – AZEITONADO
RISO – SORRISO – RISADA – RIZONHO
EXEMPLO – EZEMPLAR – EXEMPLIFICAR
CASO – DESCASO – ACASO – CAZUAL – CASUALMENTE
PESO – CONTRAPESO – PEZADO – DESPESA – PESAGEM
AZAR – ASARADO – AZARENTO – AZARAR

Aula 10:

Depois de algum tempo de trabalho com a lista de palavras, proponha ditados e verifique como sua turma está memorizando a coleção criada no decorrer das aulas. Informe ao grupo que, durante essa atividade, os cartazes serão retirados temporariamente dos locais onde estão expostos, para que se desafiem a relembrar a grafia das palavras.

Treine os alunos através de ditados.



ICE ou ISSE ?

SUBSTANTIVOS TERMINADOS EM ICE

As regras:

A regra explicada por Artur Gomes de Moraes, em seu livro “Ortografia: ensinar e aprender”, é a seguinte: aspectos ligados à categoria gramatical da palavra estabelecem a regra, em casos como dos substantivos terminados com o sufixo ICE que se escrevem sempre com C.

Uma vez que temos como objetivo a construção de conhecimentos acerca de uma regra, as ações planejadas pelo professor devem possibilitar às crianças que observem as regularidades, levantem hipóteses sobre o uso de regras para a escrita, testem essas hipóteses, criem categorias e estabeleçam orientações para a escrita.

A forma de trabalhar as regras: “Atividades de reflexão sobre as palavras”

Considerada a definição, a sequência a seguir apresentará propostas de atividades que têm como objetivo enfatizar a forma correta de se grafar determinadas palavras, pertencentes à classe gramatical substantivo, não se ocupando, nesse momento, da classificação completa (cada classe gramatical), tampouco da função sintática que exercem. Por isso, nem todas as atividades terão um texto como ponto de partida. Entende-se que ambas as opções são válidas: tanto iniciando por textos significativos quanto por listas de palavras previamente pensadas, para melhor problematizar determinados aspectos ortográficos, nem sempre presentes em um único texto.

Ainda segundo Artur Gomes de Moraes, “em um momento em que lutamos tanto para que o texto seja a unidade de trabalho na área de língua portuguesa, pode causar estranhamento a proposta de um trabalho de reflexão linguística em que muitas vezes as crianças atuam classificando ou formando palavras [...]. Para isso, tenho duas justificativas: a) em mais de 99% dos casos, a definição da forma ortográfica das palavras em nossa língua não depende do significado que elas assumem num contexto de significação (como 'conserto' e 'concerto'); b) a análise linguística pressupõe que o aprendiz possa tratar a língua como um objeto de conhecimento, e não só como instrumento de comunicação. Para analisar a linguagem em sua plenitude, ele precisa refletir sobre suas diferentes unidades: textos, parágrafos, orações, palavras, morfemas, letras etc. As 'atividades de reflexão sobre as palavras' são pensadas como encaminhamentos didáticos por meio dos quais se dá continuidade e se aprofunda o ensino desencadeado com as atividades de reflexão a partir de textos”³.

3. MORAIS, Artur Gomes de. Ortografia: ensinar e aprender. São Paulo: Ática, 1998, p. 89-90.



Etapas 1 e 2: Observação e problematização de regularidades morfológico-gramaticais, presentes em substantivos terminados em ICE/construção e elaboração de regras provisórias (levantamento de hipóteses).

Tempo estimado: 2 aulas.

Aulas 1 e 2:

Atividade em grupos: A começar por um ditado de uma lista de palavras que contenha substantivos terminados em ICE e verbos terminados em ISSE, problematizar pedindo que as crianças formem dois grupos, atribuindo um título para cada um deles, e justifiquem o agrupamento (regras provisórias). Neste momento, o professor não faz nenhuma intervenção, pois não espera que os alunos cheguem imediatamente ao agrupamento convencional, baseado na regra.

1- Ditado de palavras

sugestão: **vestisse, tollice, pedisse, maluquice, corujice, meninice, partisse, burrice, macaquice, poluísse**

Recolher as produções, verificar todas as formas grafadas de uma mesma palavra e listá-las. Podemos antecipar que, por terem o mesmo som final, as palavras selecionadas, no ditado, podem gerar uma boa discussão, visando a que algumas crianças escreverão com SS e outras com C, aleatoriamente.

Em se pensando nessas diferenças na maneira de grafar, formar agrupamentos de 4 crianças e entregar, em folha, todas as possíveis escritas das palavras ditadas. A proposta de trabalho é que discutam as diferentes grafias, tentem decidir qual a correta e cheguem a um consenso para, em seguida, agrupá-las de acordo com o proposto na atividade 2.

2- Tente formar dois grupos diferentes com as palavras ditadas pela professora, escreva um título para cada um deles e explique como fez para agrupá-las.

grupo 1	grupo 2

Etapa 3: Pesquisa de contraexemplos ou confrontação de hipóteses levantadas.

O professor recolhe a classificação realizada por cada grupo e tabula as hipóteses que apareceram ali. O próximo passo é escolher as hipóteses equivocadas que tenham mais representatividade na classe e confrontá-las com os contraexemplos. Nesta etapa, o objetivo é tornar observáveis aspectos não percebidos pelos alunos, como por exemplo, características das classes gramaticais às quais pertencem as palavras da lista (substantivos e verbos). Isso pode também ajudá-los a melhor se aproximarem de tais conceitos.

Ao analisar as hipóteses dos grupos, o professor busca contraexemplos para desestabilizá-las. Ainda que algum grupo tenha se aproximado da regra convencional, o professor priorizará, nesse momento, as hipóteses equivocadas para promover reflexão. É importante tomar cuidado para não validar a resposta correta de um único grupo, como representação da hipótese de toda a classe.

Tempo estimado: 2 aulas.

Aulas 3 e 4:

Atividade em duplas: Um grupo de alunos formou dois conjuntos com as palavras da atividade anterior: vestisse, tolice, pedisse, maluquice, corujice, meninice, partisse, burrice, macaquice, poluíse.

palavras terminadas em ICE	palavras terminadas em ISSE
<p>Vestice Tolice Meninice Burrice Poluíce Macaquice</p>	<p>Pedisse Maluquisse Partisse Corujisse</p>

Leiam, conversem com os colegas do grupo e respondam:

- Vocês concordam com a classificação feita pelo grupo?
- Observe a lista abaixo e descubra outras palavras, com terminação ICE, que poderiam ser acrescentadas ao grupo:

Caduco – caduquice

Careta – caretice

Chato –

Meigo –

Criança –

As respostas dos grupos são socializadas e discutidas coletivamente, de modo que se vá eliminando agrupamentos que não configurem regras válidas. É provável que surjam dúvidas com relação à grafia das palavras, no exemplo de atividade feita pelo grupo. Se for necessário, peça-lhes que consultem o dicionário para esclarecer essa questão. A pergunta a poderá ser rediscutida ainda em outro momento, caso a maioria dos alunos não consiga perceber a presença de substantivos junto aos verbos. Já a questão b certamente ajudará a classe a perceber, mais facilmente, que substantivos terminados em ICE derivam de adjetivos e são escritos com a letra C.

Combinar com os alunos uma lição de casa em que pesquisem palavras como essas (substantivos terminados em ICE), e tragam-nas para a próxima aula da sequência (discutir a data).

Etapa 4: Formulação de justificativas (registro das descobertas).

Aula 5:

Nesta etapa, cabe ao professor retomar coletivamente os registros das justificativas elaboradas pelos grupos, validando as corretas e eliminando as incorretas, com base nas respostas da atividade anterior. Para isso, poderá utilizar as palavras pesquisadas pelas crianças na lição de casa, e confrontá-las com as classificações feitas na aula anterior. Feito isso, pode-se elaborar um novo registro, coletivamente, com as descobertas da classe e as regras convencionais. É importante que esse registro seja ditado pelos alunos ao professor, de modo que o vocabulário utilizado seja realmente compreensível a todos. Caso a classe ainda não tenha sistematizado os conceitos básicos de substantivo e verbo, essa nomenclatura não precisará ser utilizada. É importante que a regra fique registrada em um local visível, para que toda a classe possa retomá-la, sempre que necessário.

Etapa 5: Sistematização (uso da regra em diferentes contextos).

A sistematização ou uso da regra durará a quantidade de aulas, avaliada como necessária, pelo professor. Além da atividade que sugerimos a seguir, outras pontuais poderão ser propostas com menos frequência. Além disso, passará a ser um conteúdo observado pelas crianças, nas revisões e correções de textos que realizarem.

É interessante que a professora acompanhe a compreensão e uso da regra por sua turma, verificando de que forma as palavras passam a ser grafadas, nas produções dos alunos, e, com base no trabalho realizado.

Aula 6 - Ditado relâmpago:

O professor mostra cartelas com indicações do que deve ser escrito pelas crianças, lembrando que todas as palavras terminarão, necessariamente, com ICE e ISSE, e que o desafio será escolher a terminação correta, em cada um dos casos apresentados, de acordo com a regra estudada (substantivos terminados em ICE e verbos terminados em ISSE). Por exemplo:

MESMO - mesmice	GULA - gulodice
PEDIR - pedisse	FUGIR - fugisse
VELHO - velhice	COLORIR - colorisse
BABACA - babaquice	CARETA - caretice
SAIR - saísse	EXISTIR - existisse

Aula 7 - Caça-palavra:

Você gosta de desafios? Então, descubra as palavras terminadas em ICE e ISSE, escondidas no caça-palavra a seguir.

Pinte aquelas que conseguir encontrar para depois organizá-las.

M	B	S	E	R	V	I	S	S	E	Z	A	B	M	V	G	J	K	H	N
E	C	D	E	F	G	V	I	S	S	E	C	F	E	R	I	S	S	E	B
N	L	K	K	J	I	H	E	V	X	D	F	A	I	A	S	E	X	C	E
I	M	P	A	R	T	I	S	S	E	E	G	B	G	D	H	S	W	G	C
N	N	O	P	Q	R	S	T	U	G	C	H	J	U	D	H	S	R	B	I
I	D	G	H	W	T	R	U	X	B	U	X	W	I	V	B	I	E	N	N
C	A	D	U	Q	U	I	C	E	Y	Z	I	X	C	C	D	G	D	H	I
E	C	X	V	B	H	J	L	T	O	L	I	C	E	S	A	N	F	T	V
X	S	R	E	F	L	E	T	I	S	S	E	T	E	X	A	I	C	Y	O
A	S	E	Q	D	O	I	D	I	C	E	V	G	H	G	C	F	A	H	S

Agora, separe as palavras encontradas nas colunas correspondentes:

palavras terminadas em ICE	palavras terminadas em ISSE

Aula 8:

Transforme as palavras do quadro em outras palavras, seguindo o exemplo.

MULATO	<i>mulatice</i>
BREGA	
CRIANÇA	
SOVINA	
BIZARRO	

CAIPIRA	
MOLEQUE	
PERALTA	
TAGARELA	
ABELHUDO	

Sequências didáticas para a reflexão sobre a norma

A questão do ensino da ortografia não é estabelecer uma sequência artificial. Ao tomar decisões sobre o que e quando ensinar, o professor deve conjugar os casos regulares/irregulares com a frequência de uso, tendo sempre em mente:

“Das palavras nas quais meus alunos cometem erros, quais são as que eles mais usam na língua escrita?”

“Que dificuldades ortográficas estão envolvidas nesses erros?”

Tomando os erros dos alunos como indicadores do que é necessário ensinar, para decidir sobre sequencição e procedimentos de ajuda.

Alguns cuidados importantes para o desenvolvimento da 1ª FASE:

- ✓ O banco de palavras deverá ser elaborado, conforme palavras relacionadas às dificuldades trabalhadas nas sequências didáticas.
- ✓ A primeira eliminatória do **Projeto Soletrando na Escola** deverá acontecer na própria turma.
- ✓ Cada professor desenvolverá, com sua turma, uma lista de palavras, com base no trabalho realizado em sua sala.
- ✓ A palavra será dissecada de todas as formas possíveis. As sequências que acompanham esse material oferecem algumas sugestões.
- ✓ Todos os professores deverão estar envolvidos no desenvolvimento do **Soletrando**, e todas as palavras serão trabalhadas de forma contextualizada, em todas as aulas, e incluindo todas as disciplinas.
- ✓ Essa fase terá duração de um mês.

As eliminatórias deverão ocorrer da seguinte maneira:

- Será realizada uma competição individual, em cada sala, restando apenas um representante por série.
- A escola deverá escolher os dias em que acontecerão as competições nas turmas.
- Cada educador ficará responsável por organizar as competições em sua turma.
- O banco de palavras para os alunos do 3º ao 9º deverão ter como base as regularidades e/ou irregularidades ortográficas, trabalhadas nas sequências didáticas indicadas para cada um dos segmentos.
- O banco de palavras também poderá ser elaborado, conforme os vocábulos que os alunos apresentam mais dificuldade para escrever.
- As palavras escolhidas serão enviadas à equipe de Educação do IBS, pelo menos duas semanas antes da competição.
- Lembre-se da importância de trabalhar as palavras de forma contextualizada, evitando assim que os alunos apenas decorem. O propósito é que conheçam as regras e aprendam a empregá-las, sem a necessidade de decorarem o banco de palavras – isso, às vezes, mais atrapalha do que ajuda.
- O grau de dificuldade das palavras será de acordo com a série/faixa etária do aluno.
- O nível de dificuldade aumentará a cada etapa.
- O banco de palavras para cada etapa deverá contar, no mínimo, com 100.
- As palavras serão retiradas de livros e do Dicionário Aurélio, atualizado consoante as novas regras ortográficas.
- As palavras soletradas serão sorteadas.

Atenção! Para que o Projeto Soletrando possibilite aprendizagens a todos os alunos, é preciso focar no trabalho com a ortografia, por meio de sequências didáticas, que discutam esse conteúdo em toda escola. Dessa forma, o foco estará no avanço das crianças e não, apenas, no resultado final do concurso.



2ª FASE - Competição final:

- Para esta fase, a escola poderá escolher um banco de palavras específico para os finalistas.
 - A segunda fase será a competição final entre os participantes que venceram a primeira do Soletrando.
 - Os participantes da segunda fase terão três chances em cada rodada.
 - Em caso de empate, a equipe de organização promoverá outra rodada de perguntas.
 - Na fase final, será formada uma comissão com um mediador e dois professores de Língua Portuguesa, para dar suporte aos alunos, em caso de perguntas sobre significação de palavras e/ou emprego delas em frases.
 - A comissão deverá ter conhecimento de todas as palavras que serão usadas na etapa final.
 - A mediação da fase final do Soletrando será de responsabilidade da escola e o mediador será uma pessoa neutra, ou seja, não envolvida diretamente no desenvolvimento da atividade.
 - As palavras soletradas serão sorteadas, assim a escola providenciará, antes da final, uma caixinha para colocar todas as palavras utilizadas.
 - Não será permitida a presença de familiares dos participantes, a fim de se evitar possíveis constrangimentos e/ou interferências na realização dos trabalhos.
 - Os professores dos participantes da etapa final não poderão estar presentes, para que sejam evitados qualquer tipo de favorecimento e constrangimento por parte dos alunos.
 - A competição acontecerá com alunos das escolas Base I e II (quando houver).
- A escola ficará responsável por seu banco de palavras.
- Ela deverá ter um banco de palavras reserva, para se, eventualmente, os alunos usarem todos os vocábulos.

Regras básicas do Soletrando na Escola:

1. O Coordenador e/ou o professor de Língua Portuguesa formará(ão) o banco de palavras (dicionário), que deverá conter, além delas, os respectivos significados (sinônimo) e exemplos de sua aplicação em frases. Poderão também ser utilizadas as que representem as dificuldades mais corriqueiras, que se dão quando os alunos as escrevem.
2. O banco de palavras deverá ser formado, conforme regularidades e/ou irregularidades ortográficas trabalhadas em cada segmento.
3. Será preciso respeitar o grau de dificuldade de cada série, ao escolher as palavras. É preciso escolher aquelas, adequadas ao trabalho realizado em cada série.
4. Para cada fase, deverá ser feito um novo banco de palavras.
5. As eliminatórias a serem realizadas na escola deverão obedecer a seguinte ordem:
 - a. primeiramente, o melhor de cada classe;
 - b. e, finalmente, a grande final, com os melhores da(s) escola(s), sendo que a competição será feita em duas categorias: Ensino Fundamental I e Ensino Fundamental II. Nessa etapa sairá o grande vencedor.
6. Conforme o número de participantes, o ideal é que seja sorteado 4 alunos de cada vez para disputar a soletração, principalmente na primeira fase (classe).
7. Caberá à escola definir o local e a aula em que serão realizadas as eliminatórias. O importante é que os alunos respeitem as regras e o tempo de apenas 2 minutos para soletrar a palavra sorteada.
8. Para marcar o tempo de 2 minutos para a soletração, a escola deverá providenciar um relógio, preferencialmente digital e de fácil visualização pelos participantes.
9. A ordem de soletração será feita em sorteio, para não haver nenhum tipo de privilégio entre os candidatos (alunos mais fortes com alunos mais fracos).
10. Na hora da soletração o aluno deverá:
 - repetir a palavra dita;
 - soletrar;
 - repetir novamente a palavra, indicando que terminou a soletração.
11. O professor deverá ter cuidado especial com as letras: F, G, J, L, M, N, R, S, pois, em algumas regiões do País, elas são pronunciadas como: fê, gê, lê, ji, mê, nê, rê, si. No Soletrando, o aluno pronunciará de acordo a Norma Padrão da Língua, ou seja: efe, gê ou guê, jota, ele, eme, ene, erre, esse.
12. Em momentos como este, de competição, e que, de certa forma, podem conduzir a uma situação de estresse, é recomendado que a escola redobre os cuidados com as crianças que já apresentam sérias dificuldades para escrever ou ler, pois será possível depararmos com casos de dislexia ainda não identificados. O(a) Educador(a) deverá ter sensibilidade para conduzir esse trabalho, que apesar de saudável e provocativo, poderá detonar reações em crianças portadoras dessa patologia, e que durante a atividade, normalmente se esquivará da escola. Será preciso atenção a esse quesito e não deixar de comunicar o fato a um especialista da área, se notar alguma reação singular.

Se o aluno errar e/ou esquecer alguma letra, acento, ou qualquer outro sinal gráfico como: cedilha, hífen, etc., a soletração será considerada errada.

Depois de iniciada a soletração, será proibido corrigir qualquer letra. O aluno poderá até recomeçar a soletração, mas não mudar a ordem de nenhuma letra que já tenha dito. Se numa mesma rodada, os alunos acertarem a soletração de suas palavras, ou, se errarem, uma nova rodada terá início.



Premiação (reconhecimento público e homenagem com medalhas):

Fica estabelecido o reconhecimento público e homenagem, com medalhas, para os dois finalistas de cada cidade (Escolas Base I e II concorrem entre si). Esse reconhecimento será feito na visita, previamente agendada, pelo IBS.

Considerações finais:

- A escola ficará responsável pela elaboração do *banco de palavras da primeira e segunda fases do Projeto Soletrando na Escola.
- A primeira fase acontecerá na sala de aula.
- A Competição final poderá ser entre as escolas do município, caso seja possível, e deverá acontecer por categorias (Fundamental I e II).
- Para a fase final as escolas Base I e II, deverão trabalhar o mesmo banco de palavras.
- A escola deverá promover um momento de mobilização no espaço escolar, com o propósito de divulgar o Projeto.
- O Coordenador Pedagógico da escola deverá estar à frente de toda a organização da atividade.
- Ficam estabelecidos o reconhecimento público e homenagem, com medalhas, aos dois alunos que escreverem os melhores textos (dissertação e poesia). O reconhecimento será feito, na visita, previamente agendada pelo IBS.
- Toda a equipe escolar deverá ter conhecimento deste Regulamento.
- Quaisquer dúvidas surgidas, durante o desenvolvimento do Projeto, deverão ser esclarecidas com a equipe de Educação – Incentivo à Leitura do IBS.





Observações:

- A competição final do Soletrando acontecerá, no 2º dia de ação da escola, à tarde (veja data na programação que a escola recebeu). Nesse dia, será necessário preparar uma sala que comporte, confortavelmente, todos os finalistas e a comissão. A escola também deverá dispor de uma caixa de som e, se possível, de dois microfones. Pedimos que essas providências sejam tomadas, antes do horário combinado, para evitar atrasos.
- As escolas Bases I e II deverão providenciar lista com os nomes de todos os finalistas.
- As palavras que serão utilizadas, na etapa final, deverão ser recortadas e colocadas em caixinhas, separadas por categorias (Fundamental I e II).
- Por favor, muito cuidado com erros de digitação! Evitem que os alunos sorteiem palavras com grafias incorretas. Tenha o cuidado de revisá-las com, pelo menos, duas pessoas.
- Para a fase final, as escolas Base I e II deverão trabalhar o mesmo banco de palavras.
- Os nomes dos finalistas também deverão ser recortados e colocados em caixinhas, correspondentes aos níveis (Fundamental I e II), pois a participação de cada um será feita por sorteio.
- Lembramos que no momento da competição final não será permitida a presença de familiares e professores dos alunos finalistas.
- Os coordenadores pedagógicos das escolas Bases I e II deverão estar presentes à competição final.
- Durante a realização da etapa final do Soletrando, a equipe do IBS participará apenas como espectadora, assim, a escola ficará responsável pela realização do evento.

Observação:

Este regulamento é uma sugestão de trabalho; a escola terá autonomia para ajustá-lo, de acordo com sua realidade. Em caso de ajuste, por favor, mantenha-nos informados.

Para aprofundar:

- MORAIS, Artur Gomes de – Ortografia, ensinar e aprender, 128 p. Editora Ática – R\$ 40,00.

ANEXO

ANEXO

A norma ortográfica: uma convenção que unifica a escrita das palavras¹

As pessoas às vezes pensam que a ortografia é uma imposição inútil e que tudo ficaria mais fácil "se pudéssemos escrever as palavras tal como as falamos". Ao "sonhar" com essa ideia, essas pessoas esquecem um dado fundamental: na língua oral as palavras são pronunciadas de formas variadas.

Indivíduos de diferentes regiões, pertencentes a diferentes grupos socioculturais, ou nascidos em diferentes épocas, pronunciam as mesmas palavras de formas diferentes. Essas formas de pronúncia são válidas e não podem ser consideradas "certas" ou "erradas": podemos apenas ver se estão adequadas aos contextos onde os indivíduos as empregam. Não existe uma única forma de pronúncia correta, assim como não existem argumentos científicos que permitam afirmar que "a pronúncia de tal região é a melhor do Brasil".

O que isso tem a ver com a ortografia? Tomemos um exemplo: se um carioca e um pernambucano pronunciam de modo diferente a palavra "tio" — o primeiro poderia dizer algo como "tchiô" e o segundo falaria "tiu" —, na hora de escrever, se não houvesse uma ortografia, cada um registraria o seu modo de falar. E os leitores de suas mensagens sofreriam muito, tendo que "decifrar" a intenção dos dois autores.

A ortografia funciona assim como um recurso capaz de "cristalizar" na escrita as diferentes maneiras de falar dos usuários de uma mesma língua. Escrevendo de forma unificada, podemos nos comunicar mais facilmente. E cada um continua tendo a liberdade de pronunciar o mesmo texto à sua maneira quando, por exemplo, o lê em voz alta.

A ortografia é uma invenção relativamente recente. Há trezentos anos, línguas como o francês e o espanhol não tinham ainda uma ortografia. No caso da língua portuguesa, foi só neste século que se fixaram normas ortográficas no Brasil e em Portugal. Embora muito parecidas, as ortografias desses dois países não são exatamente iguais. Por isso, nos últimos anos, vem sendo negociado um acordo entre os vários países de língua portuguesa para "unificar" as normas ortográficas usadas em cada um deles².

A forma correta das palavras é sempre uma convenção, algo que se define socialmente. Assim, nos textos do início do século encontrávamos grafias como "pharmácia", "rhinoce-ronte", "archeologia", "thermômetro", "commércio" e "ency-clopédia". Tivemos algumas reformas ortográficas que substituíram essas formas de escrever. Hoje, a norma que usamos define não só o uso de letras e dígrafos. Ela define também o emprego dos acentos e a segmentação das palavras no texto.

É importante compreender que a definição de normas ortográficas, para cada língua, refletiu também mudanças nas práticas culturais de uso da escrita e de acesso a esta. Foi com o avanço da escolarização obrigatória e a proliferação dos meios de comunicação de massa que se tornou imperioso ter, em cada país, uma forma unificada de escrever. Do mesmo modo, a segmentação das palavras no texto — o fato de elas aparecerem separadas umas das outras por espaços em branco — é uma invenção recente.

O avanço da tipografia e a substituição das práticas de leitura em voz alta pela leitura silenciosa foram determinantes para o desaparecimento da scriptio continua, isto é, da escrita das palavras "coladas" umas às outras.

1. MORAIS, Arthur Gomes. Ortografia: ensinar e aprender. São Paulo; Ática, 1998. P.17-25

2. Esclareço que esse acordo não introduzirá mudanças significativas na forma como escrevemos o português no Brasil. Poucas serão as mudanças, como por exemplo, o fim do uso do trema (), do acento circunflexo em palavras como "vão" ou "lêem", do acento agudo em palavras como "heróico" e "feióra".

Dada a sua natureza de convenção social, o conhecimento ortográfico é algo que a criança não pode descobrir sozinha, sem ajuda. Quando compreende a escrita alfabética e consegue ler e escrever seus primeiros textos, a criança já apreendeu o funcionamento do sistema de escrita alfabética mas ainda desconhece a norma ortográfica. Esta é uma distinção importante para entendermos por que os alunos principiantes cometem tantos erros ao escrever seus textos e por que temos que ajudá-los na tarefa de aprender a "escrever segundo a norma".

Se na história da humanidade os sistemas de escrita alfabética surgiram antes das normas ortográficas, algo semelhante ocorre no desenvolvimento individual. A criança inicialmente se apropria do sistema alfabético: num processo gradativo, descrito pelas pesquisas da psicogênese da escrita³, ela aos poucos "domina a base alfabética". Isto é, não só aprende a forma das letras, a direção da escrita na linha e a orientação com que se escreve na folha de papel, mas elabora diversos conhecimentos sobre o funcionamento da escrita alfabética.

Por exemplo:

- que é preciso haver uma variedade interna nas grafias que usamos numa palavra;
- quais são as letras permitidas em nossa língua e em que sequências elas podem ocorrer;
- que as letras representam partes sonoras das palavras que falamos, partes menores que as sílabas;
- quais valores sonoros as letras podem assumir em nossa escrita.

O que o aprendiz nessa fase ainda não domina, porque desconhece, é a norma ortográfica. Ele pode já ter notado algumas incongruências de nosso sistema alfabético (quando, por exemplo, descobriu que duas letras diferentes têm o mesmo som), mas ainda não internalizou as formas escritas que a norma ortográfica convencionou serem as únicas autorizadas.

Sabemos que no sistema alfabético de nossa língua há muitos casos em que um mesmo som pode ser grafado por mais de uma letra (por exemplo, "seguro", "cigarro", "auxílio") ou em que uma mesma letra se presta para grafar mais de um som (por exemplo, "gato" e "gelo"). Nesses casos, onde em princípio haveria mais de uma grafia "candidata" a ser usada, é a norma ortográfica que define qual letra (ou dígrafo) vai ser a correta. Em muitos casos há regras, princípios orientadores que nos permitem prever, com segurança, a grafia correta. Em outros casos, é preciso memorizar. Ao ensinar ortografia, o professor precisa então levar em conta as peculiaridades de cada dificuldade ortográfica.

Em algumas situações, as crianças cometem mais erros ao escrever. Geralmente, observamos que, embora consigam vencer certas dificuldades ortográficas em um ditado ou em um exercício onde se focaliza uma determinada dificuldade, os alunos cometem muito mais erros quando estão escrevendo seus textos espontâneos. Isso é compreensível, pois, para a criança recém-alfabetizada, essas diferentes tarefas envolvem diferentes "cargas" de trabalho mental. Ao registrar um ditado, o aprendiz tem apenas que grafar o texto que escuta da professora ou de um colega. Já quando se trata de escrever uma história, ele tem que dar conta de várias exigências ao mesmo tempo: selecionar as ideias que colocará no papel, ordená-las, escolher a forma como vai expressá-las, além de pensar na forma correta de grafar o texto que está compondo.

3. Ver, por exemplo, o livro de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, *Psicogênese da língua escrita*, São Paulo, Artes Médicas, 1986.

Numa fase inicial, os muitos erros de ortografia que nossos alunos apresentam são portanto compreensíveis. Eles revelam que o aprendiz precisa de ajuda para incorporar todas as facetas da escrita.

Para o professor que olhe a produção da criança sem muito cuidado, pode parecer que ela apenas errou ou acertou. Já para o aprendiz, o "erro" pode revelar diferentes níveis de conhecimento. É possível que o aluno:

- a) não tenha consciência de que errou, isto é, em nenhum momento desconfie de que a forma que grafou é errada;
- b) já tenha uma dúvida, já se coloque uma dúvida ortográfica (o que fica evidente quando nos pergunta qual a forma correta ou quando escreve a mesma palavra de forma diferente em momentos distintos);
- c) já tenha avançado em seus conhecimentos, de modo a autocorrigir-se, detectando erros que cometeu.

Incorporar a norma ortográfica é conseqüentemente um longo processo para quem se apropriou da escrita alfabética. Não podemos nos assustar e, em nome da correção ortográfica, censurar ou diminuir a produção textual no dia a dia. Enfatizo que o ensino sistemático de ortografia não pode se transformar em "freio" às oportunidades de a criança apropriar-se da linguagem escrita pela leitura e composição de textos reais. Se o trabalho de reescrita e produção de textos é fundamental para nossos alunos avançarem em seus conhecimentos sobre a língua escrita, não podemos por outro lado esperar que eles aprendam ortografia apenas "com o tempo" ou "sozinhos". É preciso garantir que, enquanto avançam em sua capacidade de produzir textos, vivam simultaneamente oportunidades de registrá-los cada vez mais de forma correta.

Retomando um ponto que há pouco comentei, a ortografia é uma norma, uma convenção social. Embora muitas vezes existam regras por trás da forma como se convencionou escrever as correspondências letra-som que usamos hoje, essas regras não deixam de ser convenções que, em sua gênese, não têm em si um sentido de obrigatoriedade, de necessidade⁴. Tudo em ortografia é fruto de um acordo social, isto é, tudo foi arbitrado, mesmo quando existem regras que justificam por que em determinados casos temos que usar uma letra e não outra. Assim como não se espera que um indivíduo descubra sozinho as leis de trânsito — outro tipo de convenção social —, não há por que esperar que nossos alunos descubram sozinho a escrita correta das palavras.

Insisto sobre esse ponto porque em nosso País, em alguns círculos educacionais mais progressistas, instalou-se nos últimos anos uma atitude de negligência e de preconceito para com o ensino de ortografia. Numa atitude de oposição às propostas tradicionais que não priorizavam a formação de alunos leitores e produtores de textos, alguns professores passaram a adotar uma postura espontaneísta com relação ao ensino-aprendizagem da ortografia, acreditando que os alunos aprenderiam a escrever certo "naturalmente", através do contato com livros e outros materiais escritos.

É claro que esse contato é fundamental para o aprendizado da linguagem escrita e da norma ortográfica. Mas chamo a atenção para as conseqüências da postura preconceituosa e espontaneísta (em relação ao ensino da ortografia) que estou criticando. Muitas vezes, quem não ensina ortografia, em nome de um suposto "respeito" ao aluno, continua cobrando que ele escreva corretamente. Muitos professores continuam decidindo a aprovação ou reprovação de seus alunos com base no seu rendimento ortográfico, o que em minha opinião constitui uma forma de crueldade pedagógica: cobrar o que não foi ensinado. Uma primeira constatação é,

4. Por exemplo, o fato do dígrafo "CH" ter hoje o som de "X" é uma convenção resultante de um acordo social. Lembro que, na primeira metade deste século, essas duas letrinhas também eram usadas em nossa língua para escrever palavras como "archipélago" e "architecture", já que o acordo social então vigente prescrevia para o "CH" um segundo valor sonoro.

portanto, que a avaliação da competência ortográfica continua sendo uma importante fonte de fracasso escolar.

Deixar de ensinar ortografia também me parece uma opção ingênua, com sérias implicações sociais e políticas. Como no mundo atual temos a cada dia mais e mais textos para ler, a correção das mensagens escritas é um aspecto fundamental para facilitar a comunicação escrita. Escrever segundo a norma é, assim, uma exigência que a sociedade continuará fazendo aos usuários da escrita, em suas vidas diárias, fora do espaço escolar. Penso que, ao negligenciar sua tarefa de ensinar ortografia, a escola contribui para a manutenção das diferenças sociais, já que ajuda a preservar a distinção entre bons e maus usuários da língua escrita.

Chegando ao ponto que quero defender, esclareço que não vejo nenhuma oposição entre adotar uma perspectiva construtivista e ensinar ortografia. Ao contrário, penso que um ensino sistemático, que pouco a pouco leve à reflexão sobre as diferentes dificuldades de nossa ortografia, ajudará a criança exatamente a se tornar melhor escritora. Por quê?

Penso que a aquisição de certos automatismos na ortografia — logo numa etapa inicial — permitirá à criança investir mais sua atenção na composição da história, da carta ou da notícia que está redigindo. Em outras palavras, se ajudamos a criança a avançar paulatinamente na ortografia, na hora de produzir seus textos ela não precisará estar todo o tempo parando para decidir "com qual letra vai escrever tal palavra" e ficará, portanto, mais livre para organizar as ideias que registrará no papel.

Para conseguir que as crianças se interessem em escrever corretamente, precisamos desenvolver no cotidiano escolar uma atitude geral de curiosidade sobre a língua escrita como um objeto de conhecimento cujos detalhes podemos desvelar. Entre esses detalhes está a forma correta das palavras.

Penso que a curiosidade em apropriar-se da ortografia precisa, ao mesmo tempo, ter um sentido para o aprendiz: uma preocupação em sermos eficientes na comunicação das mensagens que produzimos para serem lidas, uma atitude de respeito para com o leitor de nossos textos. Como discutirei no capítulo 8, isso pode ser estimulado com a reescrita e revisão dos textos que serão expostos num mural, que circularão na sala de aula (por exemplo, uma coletânea de histórias feitas pelos alunos) ou que serão divulgados fora da sala (cartazes, convites etc).

Mas isso pressupõe também uma outra atitude por parte do mestre: em vez de se preocupar em punir os erros (tirando "pontos" do aluno que os cometeu), creio que precisa pensar em um novo tipo de ensino: um ensino que trate a ortografia como objeto de reflexão. Para realizar esse ensino, acredito que precisamos, em primeiro lugar, compreender como está organizado esse objeto de conhecimento — a norma ortográfica — que ajudaremos nosso aluno a aprender. E saber um pouco sobre como a criança re-constrói a norma ortográfica em sua mente, como a aprende.

Princípios Gerais para o Ensino de Ortografia⁵

1. GARANTIR O CONTATO FREQUENTE COM MODELOS EM MATERIAIS IMPRESSOS:

- Fonte alimentadora para a reflexão ortográfica (confrontar hipóteses): especialmente para alunos da classe popular que têm pouco acesso a textos de qualidade em casa.
- Não basta o contato frequente, é preciso pensar sobre: ler muito não é sinônimo de escrever corretamente, por isso, é necessário propor releituras de textos já conhecidos, discutidos, apreciados, com vistas a refletir sobre o conhecimento ortográfico.

2. PROMOVER SITUAÇÕES DE ENSINO-APRENDIZAGEM QUE EXPLIQUEM OS CONHECIMENTOS INFANTIS SOBRE ORTOGRAFIA:

- Semear a dúvida entre os alunos: dúvida é um primeiro passo para a tomada de consciência da forma correta (ditado com anotador de dúvidas, situação de escrita coletiva).
- Propor situações de transgressão intencional durante as situações de leitura e escrita (antecipar possíveis erros, criar palavras dentro das normas do idioma).

3. DEFINIR METAS OU EXPECTATIVAS PARA O RENDIMENTO ORTOGRÁFICO DE SEUS ALUNOS AO LONGO DA ESCOLARIDADE:

- Quando começar a ensinar ortografia? Quando as crianças já tiverem compreendendo o sistema de escrita alfabética. No entanto, a curiosidade sobre questões ortográficas deve ser estimulada desde a educação infantil.
- Que metas estabelecer para cada série? Convenção social. Sugere partir dos conhecimentos prévios que os alunos concretamente possuem, a partir de um diagnóstico das principais dificuldades. Pesquisas mostram que para as crianças recém-alfabéticas as dúvidas mais frequentes são as regras de tipo contextual (g ou gu, r ou rr, m ou n). As regras de tipo morfológico-gramaticais (ou do passado, am e ão, esa ou eza) são mais complexas.
- Como sequenciar o ensino da ortografia? Irregularidades são mais difíceis, priorizar as palavras de uso infrequente, mas devem começar a ser vistas juntamente com as regularidades.

5. MORAIS, Artur Gomes de. Ortografia: ensinar e aprender. São Paulo: Ática, 2003.

juntos construímos!

